

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

DAYANA PAULINO BARBOSA DA SILVA

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A CULTURA DO CANCELAMENTO: UM
ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO EM TURMAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA POR
MEIO DA PRODUÇÃO E ANÁLISE DE PODCAST**

MACEIÓ
2023

DAYANA PAULINO BARBOSA DA SILVA

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A CULTURA DO CANCELAMENTO: UM ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO EM TURMAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA POR MEIO DA PRODUÇÃO E ANÁLISE DE TEXTOS DE PODCAST

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**MACEIÓ
2023**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586p Silva, Dayana Paulino Barbosa da.
A produção de sentidos sobre a cultura do cancelamento : um estudo da argumentação em turmas da educação básica por meio da produção e análise de podcast / Dayana Paulino Barbosa da Silva. – 2023.
106 f. : il. color.

Orientador: Helson Flavio da Silva Sobrinho.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2023.

Bibliografia: f.100-103.
Anexo: f. 104-106.

1. Argumentação. 2. Cultura do cancelamento. 3. Podcast. 4. Educação básica. 5. Análise do discurso. 6. Sequência didática. I. Título.

CDU: 81'322.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



TERMO DE APROVAÇÃO

DAYANA PAULINO BARBOSA DA SILVA

Título do trabalho: “A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A CULTURA DO CANCELAMENTO: UM ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO EM TURMAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA POR MEIO DA PRODUÇÃO E ANÁLISE DE PODCAST”

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 16 de agosto de 2023, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:



Documento assinado digitalmente
HELSON FLAVIO DA SILVA SOBRINHO
Data: 21/08/2023 09:49:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadoras:



Documento assinado digitalmente
LIDIA MARIA MARINHO DA PUREZA RAMIRE
Data: 21/08/2023 19:33:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires (UFAL)



Documento assinado digitalmente
FABIANA PINCHO DE OLIVEIRA
Data: 23/08/2023 10:21:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fabiana Pincho de Oliveira (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 16 de agosto de 2023.

DEDICATÓRIA

A Deus, fonte de toda ciência, a São Jorge, meu santo guerreiro.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar expressando minha gratidão ao meu orientador Helson Sobrinho, cuja dedicação e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua paciência, comprometimento e conhecimento foram essenciais para me guiar no caminho certo, sempre me incentivando a explorar novas ideias e abordagens. Sua disponibilidade para discussões, sugestões valiosas e correções minuciosas foram cruciais para construção desta dissertação.

Sou imensamente grata aos membros da banca examinadora, professora Fabiana Pincho de Oliveira e professora Lídia Ramires, por aceitarem o convite para avaliar este trabalho e por suas valiosas contribuições durante a qualificação. Suas críticas construtivas e sugestões enriqueceram significativamente o conteúdo desta dissertação, proporcionando-me uma visão mais ampla e aprofundada do tema.

Agradeço aos/as colegas da turma 7 do ProfLetras, que compartilharam conhecimentos, trocaram experiências e forneceram um ambiente inspirador para o desenvolvimento das ideias. Suas contribuições foram inestimáveis, tanto nas discussões formais quanto nas conversas informais, proporcionando uma rica interação acadêmica.

Por fim, mas não menos importante, quero expressar minha profunda gratidão à minha família, especialmente a minha mãe, Ivonete, e minha irmã, Deysiane, que contribuíram de modo significativo para a construção do texto, ao meu esposo, Jaelson, e aos meus filhos José Vinícius e Miguel Benício, que são a minha força e fonte de vida. Aos amigos e amigas, Bruno Barros, Raquel de Oliveira, Clécia Lima, Fátima e Elvis pelos momentos de auxílio e incentivo e acolhimento. O incentivo e apoio incondicional de cada um de vocês foram essenciais para superar os desafios ao longo dessa jornada. Obrigada por acreditarem em mim, por me encorajarem nos momentos difíceis e por compartilharem comigo a alegria e desafios da construção deste trabalho.

Este trabalho representa não apenas minha dedicação e esforço, mas também o resultado de uma rede de pessoas incríveis que me cercaram e me apoiaram. Muito obrigada por me acompanharem até aqui.

Mais uma vez, meu sincero agradecimento a todos/as que de alguma maneira permaneceram presentes e contribuíram de alguma forma para a conclusão desta dissertação de mestrado.

Muito obrigada!

EPÍGRAFE

“Antes de julgar a minha vida ou o meu carácter, calce os meus sapatos e percorra o caminho que eu percorri, viva as minhas tristezas, as minhas dúvidas e as minhas alegrias”

(Frase atribuída a Clarice Lispector)

RESUMO

A presente pesquisa investiga o processo de argumentação sobre a cultura do cancelamento e seus efeitos de sentidos em textos orais, por meio de podcast, produzidos pelos/as alunos/as de uma turma do Nono Ano do Ensino Fundamental de uma instituição da rede pública localizada na cidade de Arapiraca, estado de Alagoas. Discutiremos, inicialmente, sobre o que preconizam alguns dos principais documentos norteadores oficiais da Educação Básica para o ensino de Língua Portuguesa, a saber: a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), bem como os manuais didáticos e teóricos que tratam sobre a argumentação e produção de textos nos espaços escolares, sobretudo, os multimodais e, de modo específico, o gênero discursivo podcast, mobilizando o conceito de textos digitais e escritorialidade. Para isso, dialogaremos com os seguintes autores: Koch (2011), Koch; Elias (2020), Gallo (2015; 2016; 2017), Piris (2021), entre outros. Em seguida, refletiremos sobre os efeitos de sentido produzidos pelos argumentos dos/as alunos/as considerando a temática trabalhada em sala de aula, a saber, a Cultura do Cancelamento. Para tanto, apoiaremos a nossa pesquisa nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) a partir dos trabalhos de Orlandi (1998; 2017; 2020) e Dias (2018). Na presente pesquisa realizamos atividades em sequências didáticas nas quais os/as alunos/ alunas refletiram sobre temáticas sociais, especificamente, sobre a cultura do cancelamento e produziram discussões por meio de podcast. Como resultado dessa pesquisa-ação, compreendemos que os/as discentes produziram gestos de interpretação que desnaturalizaram as leituras tidas como estabilizadas e evidentes. Assim, contribuimos para que os/as alunos/alunas tivessem uma relação menos ingênua com a linguagem, compreendendo que a argumentação é prática social, pois é também forma de significar o mundo e que tais formas de significação são, na verdade, tomadas de posição que têm implicações sobre a realidade com poder de reproduzi-la ou de transformá-la.

Palavras-chave: Educação Básica. Argumentação. Análise do Discurso. Podcast. Escritorialidade.

ABSTRACT

This study sets out to explore the process of argumentation concerning cancel culture, focusing on its implications for meaning in oral narratives, specifically through student-produced podcasts in a ninth-grade public school class in Arapiraca, Alagoas. Our starting point is a review of the central tenets of prominent official Basic Education guidelines for teaching Portuguese, such as the National Common Curricular Base (BRASIL, 2017) and the National Curriculum Parameters (BRASIL, 1998). We will also examine textbooks and theoretical resources that discuss argumentation and text creation in educational settings, with special emphasis on multimodal formats and the discursive genre of podcasting. These resources engage with the concept of digital texts and 'scriptorality'. Key authors for this discussion include Koch (2011), Koch; Elias (2020), Gallo (2015, 2016, 2017), and Piris (2021). Subsequently, we will assess the semantic effects derived from student arguments around the classroom theme of Cancel Culture, informed by the theoretical underpinnings of Discourse Analysis, as detailed in the works of Orlandi (1998; 2017; 2020) and Dias (2018). This research involves various teaching sequences, prompting students to reflect on societal issues, specifically cancel culture, and foster discussions via podcasts. From this action-based research, it appears that the students offered interpretative responses that challenged and deconstructed previously established readings. This helped students foster a more critical engagement with language, recognizing that argumentation is a societal practice which signifies the world. Furthermore, they learned that such signification practices represent positions that influence reality and have the potential to either uphold or change it.

Palavras-chave: Basic Education Argumentation. Discourse analysis. Podcast. scriptorality.

SUMÁRIO

9

2. ARGUMENTAÇÃO, PERSUASÃO, EXPLICAÇÃO E CONVENCIMENTO15

18

23

28

29

37

44

46

51

4.2 *O corpus de linguagem*56

4.3 Análise dos dados de linguagem61

62

70

80

89

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS97

100

1. INTRODUÇÃO

Instigar os/as estudantes a buscar ir além do que está dito no texto ou no discurso, deve ser um dos objetivos que norteiam as aulas de Língua Portuguesa. Entretanto, esse é, também, um dos maiores desafios enfrentados pelos/as professores/as de língua materna, uma vez que a “decodificação” não dá conta, muitas vezes, de investigar os sentidos que são construídos e reconstruídos na tessitura do texto. Faz-se necessário, dessa forma, uma análise mais aprofundada, buscando compreender de que modo aquele discurso está produzindo sentidos e, ainda, quais são as suas condições de produção, para que, assim, o/a aluno/a não se detenha apenas ao que está na superficialidade do texto ou a questões puramente linguísticas, como afirmam Kock; Elias (2020, p. 15): “o texto é um objeto complexo que envolve não apenas operações linguísticas como também cognitivas, sociais e interacionais”.

É esse um dos principais objetivos que norteiam o meu trabalho enquanto pesquisadora e professora da Educação Básica. Sendo aluna de escola pública, infelizmente não tive grandes exemplos acadêmicos a seguir, por isso, precisei desde muito cedo buscar sozinha o conhecimento além da decodificação ou memorização de termos que me foi oferecida na Educação Básica.

Ao entrar na Universidade privada, pois depois de fazer o Enem, não sabia quais seriam os próximos passos, não tinha computador, internet e muito menos quem me orientasse para fazer inscrição e acompanhar todo o trâmite para ingressar em uma Universidade pública, decidi que trabalharia incessantemente para pagar a minha graduação e assim o fiz: ainda no primeiro ano de faculdade e com a mente já mais esclarecida, fiz a inscrição em um programa de bolsas de estudo, em que o graduando trabalhava aos finais de semana em uma escola da rede pública do estado, ofertando cursos à população, em troca da quitação das mensalidades do curso. Então, passei a trabalhar a semana inteira para suprir os custos com passagens de ônibus, livros e outras tantas necessidades, e aos finais de semana na escola para ter a bolsa que pagou os meus estudos.

Ainda nas primeiras semanas de aula, após um dia cansativo no trabalho, e horas dentro de um ônibus lotado que o horário de pico sempre me proporcionava, e seguir a pé por 40 minutos do ponto final do ônibus até a universidade, (rotina que acompanhou os 4 anos da minha graduação) me deparei com uma fala que ainda

repercutiu em toda a minha trajetória acadêmica e profissional: em uma aula de Língua Inglesa, o professor Doutor, de uma universidade particular, no alto do tablado que o separava e o mantinha em evidência do restante da sala, ministrando a aula, ao conversar com a turma sobre a docência, disse que “uma manicure jamais seria uma professora”, não sabia ele que aquela era a profissão que eu exercia e exerci durante um tempo e que me possibilitou ingressar na universidade.

Tais palavras, além de me impactarem por ser naquele momento a minha profissão, fizeram com que eu refletisse o quanto ainda era grande o preconceito das pessoas que possuíam um grau de escolaridade/ conhecimento/ poder mais elevado do que os seus interlocutores e o quanto essas vozes afetam, negativamente, na formação não somente acadêmica, mas, sobretudo, nos planos e projetos de cada um que escuta esses dizeres.

Essa força enunciativa que pude presenciar, já era assunto da pesquisadora Eni Orlandi (2020), quando em seu texto, ela já discute acerca das relações de poder e o motivo pelo qual a fala de um professor é tão significativa para um aluno. Costumamos criar imagens, idealizar o professor, o chefe, o médico. Por esse motivo, a fala de pessoas que estão hierarquicamente em uma posição de prestígio social e econômico superiores a nós significam e impactam tanto em nossos sonhos e expectativas, pois podem frear ou motivar o alcance de nossos objetivos.

Ao considerar o impacto que essas falas podem trazer a cada discente, busco, em sentido contrário, encorajá-los a persistir na busca pelo aprimoramento e partilha de conhecimentos, bem como, sempre tive a preocupação de os instigar a pensar a produção de sentidos como um processo que transcende ao que está na literalidade do texto, visando possibilitá-los a reflexão, análise crítica e a produção de discursos em diferentes esferas sociais e situações comunicativas, motivo pelo qual, escrevo o presente trabalho, em que, discorro acerca de cada uma das etapas de aplicação de uma sequência didática elaborada para uma turma de 9º ano do ensino fundamental, cujo o objetivo foi discutir/problematizar, refletir sobre os discursos que estão presentes no cotidiano desses alunos/as.

Para tanto, defendemos, neste trabalho, que uma das estratégias mais relevantes que pode contribuir nesse processo é um olhar atento à articulação da argumentação dos textos multimodais, sobretudo o podcast, o qual é objeto de análise desta pesquisa. Desse modo, questionamos de que forma os processos de argumentação desenvolvidos pelos/as discentes que cursam o Nono Ano do Ensino

Fundamental contribuem para a construção da persuasão nos textos produzidos? E ainda: Quais são os sentidos que podem ser observados por meio da Análise do Discurso?

A presente pesquisa-ação faz, no primeiro momento, uma revisão de literatura, e, posteriormente, abrange a análise de dados coletados em *lócus*, visando apresentar de forma fidedigna a ocorrência dos fenômenos pesquisados. Temos como objetivo observar de que modo os argumentos utilizados pelos discentes para defender o seu ponto de vista resgatam, reproduzem ou ressignificam, discursos com sentidos sexistas, racistas, estigmatizadores sobre a problemática social discutida, a saber, a cultura do cancelamento.

Nesse sentido, iniciamos o estudo buscando respaldo teórico em autores da Argumentação: Koch (2011), Koch; Elias (2020), Piris (2021), Azevedo (2021) entre outros e da Análise de Discurso com os textos de Orlandi (1998; 2017; 2020), Dias (2018) e Gallo (2015, 2016, 2017).

Em seguida, pesquisamos as temáticas sociais em evidência na atualidade materializada na cultura do cancelamento para que fosse possível discuti-las em sala de aula com os/as alunos/as da Educação Básica.

Após essa etapa, elaboramos os planos de aula a serem executados na turma escolhida para a pesquisa. Após esse momento de planejamento, realizamos uma reunião com a equipe gestora e de coordenação da escola para que tivessem ciência e autorizassem o trabalho a ser desenvolvido.

Consoante à aplicação dos planos de aula, começamos a desenvolver a produção das seções 1 e 2 desta dissertação, as quais dialogam com a análise que foi realizada após o término da aplicação da sequência didática.

A escolha da argumentação como questão de pesquisa se justifica pela recorrência e relevância que ela desempenha não somente no currículo do/a aluno/a, mas, sobretudo, em sua vida social, a qual transcende os muros da escola. Kock; Elias (2020, p. 13) afirmam que o uso da linguagem “é essencialmente argumentativo: orientamos os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões com exclusão de outras”.

Orlandi (1998) defende:

A questão da argumentação está presente em diferentes perspectivas do estudo sobre a linguagem. Podem-se assim observar desde posições que a consideram como constitutiva, incontornável, o dizer sendo ele próprio já é sempre argumentação,

até posições menos específicas, em que a argumentação é considerada apenas ornamento do dizer, tendo então um lugar mais periférico, secundário, por assim dizer. Mas em nenhum caso, nega-se o fato de que a argumentação tem seu lugar na linguagem (ORLANDI, 1998, p. 73)

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que argumentamos em diversas situações comunicativas, entretanto, ainda assim, quando propomos aos/as alunos/as que o façam por meio da tessitura de um texto oral e escrito, por vezes, eles se sentem despreparados para realizar tal tarefa. Desse modo, consideramos importante instigá-los a externar o seu posicionamento crítico por meio de propostas de discussão sobre temáticas que façam parte do seu cotidiano, como a cultura do cancelamento que acontece comumente nas redes sociais que estão cada vez mais presentes no dia a dia da sociedade.

Nessa perspectiva, esse trabalho se encontra em consonância, também, ao que propõe a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) que prevê que sejam abordados os gêneros digitais nas aulas de língua materna dos anos finais do Ensino Fundamental, o que está preconizado enfaticamente na décima habilidade do referido documento. Cada uma dessas habilidades vem precedida por um código alfanumérico que indica para qual nível da Educação Básica a habilidade é destinada, em seguida aparece em qual ano do ciclo ela deve ser trabalhada, o componente curricular e, por fim, o número da habilidade. Como é possível observar na habilidade a qual nos referimos anteriormente.

(EF69LP10) Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, podcasts noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, *vlogs*, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – podcasts e *vlogs* noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros. (BRASIL, 2017, p. 87)

A partir da observação dessa habilidade, é possível compreender que o trabalho com os gêneros digitais/orais se faz imprescindível durante toda a etapa do Ensino Fundamental desde o 6º até o 9º ano tanto para que o aluno tenha acesso a uma diversidade de gêneros e especificidades de cada um, como para que possa também apreciar, opinar e produzir os seus próprios textos de forma autônoma e coerente.

Para tanto, escolhemos o podcast, que apesar de ser um gênero consideravelmente novo, tornou-se bastante popular, sobretudo no período pandêmico (Covid-19), em que a comunicação passou a ser ainda mais viabilizada pelas mídias sociais. Sobre ele, afirmam Villarta-Neder; Ferreira (2020):

podcasts são gêneros que resultam de um diálogo com sofisticadas e complexas reformulações. A primeira implicação para o ensino, do ponto de vista de concepção sobre a língua é ampliar e repensar a complexa inter-relação entre as modalidades da língua: oral e escrita (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2020, p. 48, grifos nossos)

Nesse sentido, discutiremos ainda acerca dos conceitos de escritorialidade defendido por Gallo (2015) e de textos multimodais e de que modo eles se apresentam na Educação Básica, buscando perceber os efeitos de sentido, legitimidade e efeitos de autoria desses textos que circulam nas esferas digitais e possíveis gestos de interpretação a partir da escolha de estratégias argumentativas que serão selecionadas na produção do podcast.

Desse modo, a pesquisa organiza-se em quatro seções, tratando, a partir do viés da Análise de Discurso. Temos a seção 1 que é esta introdução na qual apresentamos os objetivos e o percurso da pesquisa. Na seção 2, discorreremos acerca da falsa sinonímia entre Argumentar, Persuadir e Convencer, apresentando, para isso o conceito teórico de cada um desses termos. Posteriormente, refletimos sobre o modo como a argumentação é apresentada pelos professores de Língua Portuguesa, pelos livros didáticos e o que dizem os documentos educacionais norteadores, especificamente os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998) e a BNCC (BRASIL, 2017). Ademais, perceber como é cobrada dos/as alunos/as do ensino fundamental do segundo ciclo, quais são as estratégias argumentativas mais recorrentes empregadas pelos/as alunos/as e os possíveis gestos de leitura que podem ser realizados a partir desses usos. A seção se propõe a investigar e, a partir da leitura de estudiosos, discutir de que modo os conceitos de argumentação, persuasão, explicação e convencimento são trabalhados com os alunos do 9º ano, especificamente.

A seção 3 refere-se aos textos multimodais e a produção de sentido desses textos que ganharam ainda mais espaço e relevância a partir da disseminação da internet e das mídias digitais e como eles são trabalhados no espaço escolar. Para tanto, de modo complementar, tratamos acerca dos limites que separam a escrita e

a oralidade e o emprego da *escritorialidade* (Gallo, 2015), cujo uso pode ser facilmente observado pelos falantes da língua em diferentes situações comunicativas digitais, como por exemplo, nos podcasts, gênero discursivo que será abordado no subtópico 3.1 e utilizado neste trabalho como objeto de análise.

Na seção 4 estão dispostas as sequências didáticas utilizadas nessa pesquisa, os aspectos metodológicos e as análises feitas sobre a argumentação realizada pelos estudantes do Nono Ano do Ensino Fundamental sobre a temática da Cultura do Cancelamento.

A última seção é reservada às considerações finais da pesquisa realizada em *lócus* e, também, às referências bibliográficas que foram utilizadas para a embasar a pesquisa.

Nesta perspectiva, convidamos o/a leitor/a para seguir nosso trajeto de pesquisa-ação, assumindo as diversas posições-sujeitos (professor/a, pesquisador/a, educando/a) para conosco problematizar os conflitos de sentidos que se materializam nas argumentações realizadas através do podcast sobre cultura do cancelamento.

2. ARGUMENTAÇÃO, PERSUASÃO, EXPLICAÇÃO E CONVENCIMENTO

Tendo em vista os constantes usos dos termos Argumentação, Persuasão, Explicação e Convencimento como uma aproximação sinonímica, faz-se necessário considerar as especificidades de cada um deles.

De acordo com Weston (2009),

Uma das acepções que os dicionários dão para o termo “argumento” é “disputa”. Nesse sentido, às vezes dizemos que duas pessoas “vivem argumentando”: enfrentando-se em pugilato verbal [...] “argumentar” significa apresentar um conjunto de razões ou provas que fundamentam uma conclusão. [...] Os argumentos são tentativas de fundamentar determinados pontos de vista com razões, [...] aliás, argumentar também não é inútil; com efeito, é essencial. (WESTON, 2009, p. XI)

Abreu (2021, p. 10) defende que todos nós teríamos um resultado notadamente mais satisfatório em nossas vidas se gerenciássemos as nossas relações sociais desde o campo profissional ao pessoal e que, para isso, é necessário, segundo o autor, “saber conversar com elas, argumentar, para que exponham seus pontos de vista, seus motivos e para que nós também possamos fazer o mesmo” (ABREU, 2021, p. 10).

O autor pontua que, conforme o senso comum, “argumentar é vencer alguém, forçá-lo a submeter-se à nossa vontade” (ABREU, 2021, p. 10), o que, de acordo com a sua concepção, é uma definição errônea sobre a argumentação, uma vez que Von Clausewitz, um notável militar alemão, utiliza-a para conceituar “guerra” e não “argumentação”.

Nesse sentido, Abreu (2021, p. 10) afirma que, nos mais diversos meios sociais, quais sejam, família, trabalho, esporte, política, saber argumentar é, em primeira instância, saber se integrar ao universo da outra pessoa com quem se dialoga. Outrossim, “é também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro” (Ibid., p. 10)

O autor nos diz ainda que ao entrarmos em contato com outra pessoa, não estabelecemos apenas uma troca de informações, mas, também, estabelecemos uma relação com ela. Assim, explana que até a forma de tratamento que utilizamos para dialogar é um exemplo de gerenciamento de relação, o que é notadamente mais acentuado em espaços públicos, uma vez que, de acordo com o autor, em

ambientes mais particulares como o nosso lar, por vezes a formalidade de gerenciamento de relação é menos notável do que o simples gerenciamento de informação.

Abreu (2021, p. 18) destaca a relevância desse gerenciamento de relação ao comentar que nossa sociedade está passando por uma modificação no que se refere ao emprego no âmbito industrial e rural, haja vista que a perspectiva é de que no campo, por exemplo, no futuro, uma pequena parcela da população, 2%, estará interagindo com uma agricultura notadamente mecanizada, cenário semelhante ao da cidade, no qual menos de 20% tendem a estar trabalhando em indústrias com mecanismos robotizados e informatizados. Desse modo, como observa o autor, a parcela mais expressiva da população, a saber, cerca de 80%, estará atuando na área de serviços, que implica clientes e, conseqüentemente, implica também um gerenciamento de relação satisfatório.

Assim, conforme o autor evidencia, o trabalho do futuro dependerá, necessariamente, do relacionamento entre as pessoas. Além do campo profissional, o âmbito da vida pessoal também apresentará essa mesma dependência, uma vez que as pessoas podem ser bem-sucedidas financeiramente e dispor de fama e beleza, mas, se não tiverem um bom relacionamento com os que as cercam, possivelmente se sentirão infelizes.

Abreu (2021, p. 19-20) observa que conseguimos diminuir a distância que nos separava das áreas mais remotas do mundo, por meio de artefatos como a aviação a jato e a internet, por exemplo, mas não conseguimos, ainda, reduzir a distância que nos separa do outro. Nesse sentido, explica:

[...] quando conversamos com as pessoas, falamos sobre tudo: futebol, automobilismo, política, moda, comida, mas falamos apenas superficialmente sobre nós mesmos e, assim, não conhecemos o outro e ele também não nos conhece! Temos medo de entrar em contato com o outro em nível pessoal, mas precisamos vencer esse medo! (ABREU, 2021, p. 19-20)

Em consonância com essa dificuldade explanada pelo autor no que se refere ao nosso gerenciamento de relações com o outro por meio do diálogo em nossa vida particular, notamos, nitidamente, esse reflexo nas escolas da Educação Básica: de modo comumente, ao solicitarmos que os/as estudantes se expressem sobre alguma situação proposta na aula, eles/as se recusam e afirmam que “não sabem

fazer isso”. É diante dessa situação que o presente trabalho emerge para pensar sobre a argumentação na oralidade e, mais especificamente, com a argumentação nas salas de aula, visando assim, diminuir essa lacuna existente em nossas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Ainda segundo Abreu (2021), uma possível explicação para esse receio que nos cerca de nos expressarmos é justificado porque: “muitas vezes, temos medo do poder do outro e por isso nos retraímos. Muitas pessoas temem o poder dos seus chefes, de pessoas de nível social mais elevado, às vezes de seus próprios pais, maridos e esposas” (ABREU, 2021, p. 20).

Isto posto, inferimos que algo semelhante ocorre nas escolas brasileiras: os/as estudantes não se sentem aptos ou preparados para expor o seu ponto de vista sobre determinado assunto, nem tão pouco para se contrapor a uma opinião posta durante a aula de língua portuguesa, devido a, possivelmente, acharem que não possuem propriedade, domínio sobre o assunto, autonomia ou conhecimento de mundo suficientes para realizar essa atividade.

Abreu (2021, p. 25) afirma que **argumentar** “é a arte de convencer e persuadir”. **Convencer**, por sua vez, consiste, segundo o autor, em “saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando” (Ibid, p. 25).

O autor nos diz que, etimologicamente, “convencer” significa “vencer junto com o outro (com+ vencer) e não contra o outro” (ABREU, 2021, p. 25). Nesse sentido, pontua que esse conceito se refere a construir algo no âmbito das ideias. Sobre esse aspecto, explica que, quando convencemos outra pessoa, ela começa a pensar como nós.

Quanto à persuasão, importa considerar a concepção de Reboul (2004, p. XV *apud* DUARTE, 2010, p. 403) ao afirmar que persuadir “é levar alguém a crer em alguma coisa”. Duarte (2010), ressalta, entretanto, que a força da persuasão possui seus limites ou, ao menos, deveria ter. Nesse sentido, pontua: “seus resultados deveriam ocorrer nas instâncias conceituais, na dimensão onde as visões de mundo são construídas e armazenadas” (Ibid., p. 403).

Desse modo, o autor explica que um discurso consiste em um ato persuasivo caso apresente uma tentativa de aliciar o interlocutor por meio de estratégias de articulação racional ou emotiva. Assim, afirma que alguns textos orais ou escritos podem apresentar uma ênfase no aspecto emocional para tentar

persuadir o auditório, enquanto em outros textos essa tentativa pode ocorrer por um meio mais racional, com base na exposição de argumentos.

Outro conceito salutar a esse processo, sobretudo no ambiente de sala de aula - o qual pesquisamos - é o de explicação. Ao argumentar, por implicatura, se explica, inicialmente, o seu ponto de vista ao auditório para, a partir de então, buscar o seu convencimento e persuasão. Martins; Ogborn; Kress (1999, p. 29) concebem a explicação “como envolvendo a criação de novas visões de mundo, onde possam existir novas entidades constituintes e participantes de novas realidades, que possuem possibilidades de ação e interação próprias em sequências de eventos”.

Ainda em consonância com os autores, nas situações do nosso cotidiano, as explicações surgem após um pedido de informação, enquanto na sala de aula, as explicações são oferecidas aos estudantes, sem que eles tenham feito essa solicitação ao professor. Em textos argumentativos escritos, nos quais geralmente não há a participação direta do interlocutor, ocorre um processo semelhante: apresentam-se explicações para a defesa de determinado posicionamento crítico de modo espontâneo, sem que o interlocutor tenha solicitado.

Vale ressaltar que já nos textos orais, como o podcast, objeto de análise da presente pesquisa, a entrevista pode ser conduzida de modo que um dos interactantes peça que os demais apresentem as explicações para embasar a defesa do ponto de vista, assim como será descrito de forma mais detalhada na seção 4.3 deste trabalho.

2.1 A argumentação em aulas de Língua Portuguesa

Ao considerarmos os documentos norteadores da Educação Básica, como a BNCC (BRASIL, 2017), por exemplo, vemos que a indicação é de que os textos argumentativos já sejam trabalhados nas aulas de língua materna ainda nos anos iniciais do primeiro ciclo, mesmo que de modo mais superficial, como é possível observar nos objetivos almejados para o 1º e 2º anos:

Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura/escrita que possibilitem conhecer os textos expositivos e argumentativos, a linguagem e as práticas relacionadas ao estudo, à pesquisa e à divulgação científica, favorecendo a aprendizagem dentro e fora da escola. Alguns gêneros deste campo em mídia impressa ou digital: enunciados de tarefas escolares; relatos de

experimentos; quadros; gráficos; tabelas; infográficos; diagramas; entrevistas; notas de divulgação científica; verbetes de enciclopédia. (BRASIL, 2017, p. 108)

Podemos dizer que a argumentação aparece como uma das habilidades a ser “aprendidas/ aprimoradas” pelos estudantes desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, perpassando pelos demais do segundo ciclo e, ainda assim, torna-se um desafio para os estudantes do nível Médio que buscam por uma vaga em uma universidade. O estranhamento se dá pelo fato de que a argumentação é um recurso que utilizamos de forma natural desde os primeiros anos das nossas vidas, assim como aponta Massmann (2017, p.17). Isso porque precisamos negociar, constantemente, com os pais ou cuidadores os nossos desejos em detrimento das obrigações que nos são impostas por eles. De acordo com Kock (2011, p. 15), “a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade.”

Entretanto ao deparar-se com a necessidade de redigir um texto argumentativo, os estudantes apresentam grandes dificuldades, afirmando não saber argumentar. Piris (2021) defende que uma das causas dessa “aversão” ao texto dissertativo-argumentativo pode estar relacionada a práticas escolares que uniformizam o modo de argumentação, não oferecendo ao estudante “estratégias e procedimentos variados” (PIRIS, 2021, p.136).

Ainda segundo o autor,

O ensino de argumentação na educação básica brasileira tem sido tomado como ensino de redação dissertativa, sobretudo a partir da publicação do Decreto n.79.298, de 24/03/1977, que determinou a obrigatoriedade da prova de redação em língua portuguesa nos exames de vestibulares das instituições federais de ensino superior. (PIRIS, 2021, p. 135)

Assim, entende-se que o ensino da argumentação nas escolas tem sido direcionado, por vezes, a uma estrutura pré-determinada, com um modo fixo em que para que haja êxito na produção é necessário segui-la à risca e, assim, os textos que fogem a esse padrão são considerados inadequados por uma parte considerável de professores e corretores de redação.

Essa necessidade de escrever de acordo com o padrão instituído, considerado o melhor, muitas vezes, põe do/a estudante a escrita do texto, por acreditar que, por não ter o mesmo repertório linguístico ou por não saber empregar

determinadas estratégias, o seu texto é vazio de argumentos e ou tido como não sabe argumentar. Nesse sentido, Piris (2021, p. 136) pontua: “Mais de trinta anos após a implantação da cultura escolar da redação dissertativa-argumentativa no ensino brasileiro, é possível perceber que as redações não demonstram avanços no que tange à argumentação propriamente dita”.

O autor discorre que essa constatação pôde ser observada, segundo Azevedo (2015, p. 48), pelo uso de estratégias argumentativas significativamente semelhantes em redações do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que foram escritas nos anos de 2004 e 2014. Desse modo, preconiza que “as práticas escolares podem estar circunscritas a um único modelo de argumentação, impedindo, assim, a aprendizagem de estratégias e procedimentos variados” (PIRIS, 2021, p. 136).

Piris (2021, p. 136) aponta ainda, que, nessa perspectiva, Vidon (2018, p. 39), ao estabelecer uma comparação entre as indicações do primeiro manual de redação publicado após o Decreto de 1977 e os postulados do Guia de Redação do Enem, de 2013, identifica uma retomada dos pressupostos do manual nas indicações exigidas pelo Enem o que suscita, ainda conforme o autor, em uma não correspondência entre os documentos norteadores e o referido exame de avaliação de aprendizagem do Ensino Médio.

Desse modo, Piris (2021) afirma que é possível dizer que essas análises demonstram que

a constituição de um discurso hegemônico que é reproduzido em distintos campos discursivos, como o pedagógico, escolar, midiático, político, editorial, etc., e que atende às necessidades estratégicas das formas sociais as quais interessa esse estado de coisas, uma vez que o modelo de redação do ENEM, ainda que atualizado com as teorias do nosso tempo, reproduz o antigo modelo do bem escrever, segundo o qual o estudante deve mostrar competência nas habilidades de ler e escrever, para conseguir uma vaga ou colocação em postos disputados. (PIRIS, 2021, p. 136)

Assim sendo, é necessário que a argumentação, dentro dos espaços escolares, ainda de acordo com Piris (2021, p. 140), seja observada não somente no aspecto linguístico, mas também discursivo, considerando as situações concretas de comunicação em que os/as alunos/as poderão se deparar em sua vida social, a fim de que este seja capaz de perceber as condições de produção do discurso, considerando a ideologia e o contexto sócio-histórico em que estão inseridos e empregar as estratégias argumentativas mais adequadas para a situação,

entendendo que a prática da argumentação não diz respeito a um confronto de ideias, onde um dos oradores será o vencedor do embate, mas percebê-la como uma prática concreta de interação entre os sujeitos que expõem os seus pontos de vista. Nesse sentido, expõe o autor:

Em suma, sugerimos que o planejamento de ensino de argumentação possibilite que educandos e educandas participantes de uma interação argumentativa na escola sejam capazes de relacionar argumentos e pontos de vista (argumentação na interação) com os posicionamentos ideológicos (a argumentação no discurso) reproduzidos na prática argumentativa realizada na escola e que já circulam socialmente em outros discursos, exigindo aí o aprimoramento de capacidades de identificar e relacionar os argumentos e suas posições ideológicas. (PIRIS, 2021, p. 144)

Para tanto, é imprescindível considerar o modo como o professor entende e trabalha a argumentação na sala de aula. Azevedo (2021, p. 172) se propôs a sintetizar algumas das pesquisas realizadas pela Universidade Federal de Sergipe no âmbito da argumentação, entre 2015 e 2018, em aulas de Língua Portuguesa, e pôde constatar alguns pontos importantes, como a descontinuidade de estudos sobre a argumentação em sala de aula.

Ainda de acordo com a autora, ao desenvolver uma pesquisa que considerou o período após a implementação as Diretrizes Curriculares Nacionais, a saber, 2015, poucos trabalhos acadêmicos tratavam sobre o ensino da argumentação, sendo encontrados no repositório de dissertações e teses da Capes, em 2018, apenas quatro trabalhos que abordavam a argumentação nas aulas de Língua Portuguesa, e desses, apenas dois expunham metodologias elaboradas para serem desenvolvidas no âmbito escolar. E as pesquisas empreendidas durante esse tempo, propiciam o aperfeiçoamento da flexibilidade, mas nem sempre dá criticidade, além disso, notou que poucas são as pesquisas que propõem atividades dialógicas-interativas na prática argumentativa.

Podemos dizer que os documentos norteadores oficiais da Educação Básica prevêm o trabalho com a argumentação, mas não mencionam direcionamentos de como realizá-los. Na BNCC (BRASIL, 2017), nota-se que argumentar está entre as competências basilares a serem desenvolvidas durante a Educação Básica, fomentando que o estudante seja capaz de argumentar baseando-se em fatos confiáveis, que defendam os seus pontos de vista, considerando os direitos humanos e exerçam um posicionamento ético perante a si e aos outros, assim como previsto

na competência 7 (BRASIL, 2017, p. 9). O referido documento propõe, também, por meio da competência EF07LP14 (Ibid., p. 175), que o/a aluno/a identifique nos textos os efeitos de sentido propiciados pelo uso de estratégias de modalização e argumentatividade. Entretanto, não são fornecidos, nem por esses documentos e nem por outros auxiliares, práticas pedagógicas que contribuam para a efetivação da competência.

Nos PCNs (BRASIL, 1998), estão elencados alguns pontos no que dizem respeito à mediação do/a professor/a no ensino da Língua Materna em sala de aula:

cabe a ele mostrar ao aluno a importância que, no processo de interlocução, a consideração real da palavra do outro assume, concorde-se com ela ou não. Por um lado, porque as opiniões do outro apresentam possibilidades de análise e reflexão sobre as suas próprias; por outro lado, porque, ao ter consideração pelo dizer do outro, o que o aluno demonstra é consideração pelo outro. (BRASIL, 1998, p. 47)

Fica explícito que uma das metodologias defendidas para que seja aplicada pelo/a professor/a é envolver o/a aluno/a em situações reais de comunicação, em que o/a estudante exercite a exposição dos seus pontos de vista, o respeito aos posicionamentos que divergem dos seus e possa assumir uma postura reflexiva acerca das opiniões dos demais. No entanto, ainda são poucos os materiais que contemplam estratégias específicas para que o/a professor/a trabalhe em sala de aula, pois embora estes reconheçam a importância do trabalho com a argumentação como atividade discursiva, segundo Leitão (2011, p. 35), uma boa parte dos/as educadores/as não explora tais competências por se sentirem confusos e inseguros de como executá-la.

Podemos acrescentar também que embora saibamos que o trabalho com as Olimpíadas de Língua Portuguesa e outros materiais didáticos mais recentes têm incentivado de modo significativo a prática argumentativa nas aulas de Língua materna, temos ciência de que este é um trabalho que deve acontecer de forma contínua nas turmas da educação básica, e não somente nos anos em que acontecem as Olimpíadas, visto que são propostas a cada 2 anos ou que o estudo da argumentação seja contemplado somente nos gêneros sugeridos nos livros didáticos.

Nessa perspectiva, é importante que os momentos de formação de professores/as proponham discussões acerca desse tópico, tornando mais viável o

desenvolvimento de atividades que propiciem a argumentação em situações reais de comunicação e não somente em debates regrados, nos quais, o que há é a exposição de ideias dos estudantes, mas a argumentação propriamente dita não se concretiza, permanece no eixo da superficialidade discursiva.

2.2 Argumentação no livro didático de Língua Portuguesa

Outro suporte relevante para contribuir com a abordagem e o desenvolvimento da argumentação nas aulas de Língua Portuguesa em turmas da Educação Básica é o Livro Didático, doravante LD, sobretudo nas instituições públicas de ensino, em que esse é, na maioria das vezes, o único ou principal material de estudos para os/as estudantes.

Nesse sentido, considera-se pertinente tecer considerações acerca das abordagens e estratégias argumentativas mais recorrentes nesse material. A princípio tomaremos por base a pesquisa comentada por Azevedo (2021), de autoria de Taiane Brenda Almeida (2019), que analisou duas coleções didáticas propostas para o Ensino Médio, sendo uma delas brasileira, qual seja, *Portugues: Linguagens* (2016) - LD1 - e a segunda, francesa, intitulada *Français Méthodes et techniques*, publicada também no ano de 2016 - LD2.

Azevedo (2021) pontua que, de acordo com Almeida (2019), as coleções possuem alguns pontos em comum, a saber: (1) possuem unidades destinadas especificamente ao ensino da argumentação, as quais analisam gêneros textuais com o objetivo de propiciar a aquisição de competências argumentativas; (2) apresentam textos extensos que requerem a capacidade de interpretação de ideias; (3) estruturam o trabalho didático a partir da proposição do estudo de gêneros orais e escritos.

Azevedo (2021, p. 174) explana que quanto às especificidades de cada uma das coleções, Almeida (2019) observou que LD2 desenvolve a sua abordagem se apoiando também em gêneros literários (fábula e sátira), visando propiciar que os estudantes possam produzir informações, explicitar uma opinião, argumentar e aprimorar o domínio da língua para que, assim, se expressem de forma clara e convincente, o que também acontece na coleção brasileira (LD1). Além disso, a autora pontua que a pesquisadora observou que LD2 enfatiza o que é *fundamental, refutar, reformular, resumir* ideias em uma argumentação, enquanto LD1 se debruça

sobre a composição e o modo em que se organizam as ideias no gênero e preconiza o exercício desses gêneros em uma situação de uso cotidiano da língua.

Atentando ainda o resultado das pesquisas de Almeida (2019), é notório que o estudo da argumentação nos livros de Língua Portuguesa é apresentado, prioritariamente, considerando os aspectos linguísticos e composicionais dos gêneros argumentativos, tendo como atividades mais indicadas nos LDs para o desenvolvimento da argumentação a leitura e a produção textual (AZEVEDO, 2021).

O que vemos em grande parte desses manuais é que são apresentadas aos/as discentes situações específicas em que estes devem se posicionar a favor ou contrários a uma ideia. Partindo de temáticas que são socialmente controversas, os/as estudantes são convidados/as, por meio de um debate regado ou de um artigo de opinião, gêneros predominantemente trabalhados nos manuais e pelos/as professores/as de Língua Portuguesa, a expor os seus posicionamentos, deixando de mostrar ao estudante que a argumentação está presente em diversos gêneros textuais e em situações reais de comunicação.

Tomando por base uma das coleções de LD escolhida pelos/as professores/as do município de Arapiraca-AL para que fossem adotados pelas escolas, *Português: Conexão e Uso*, de autoria de Delmanto; Carvalho (2018), observa-se que o volume destinado aos estudantes do oitavo ano traz, na unidade 1, ao trabalhar Resenha crítica, uma atividade de reconhecimento de argumentos e contra-argumentos que foram utilizados no texto de referência para o/a aluno/a. A atividade é composta por três questões, sendo a primeira de reconhecimento dos argumentos em determinados fragmentos do texto e a terceira que solicita o reconhecimento de contra-argumentos também de partes pré-selecionadas do texto. Para o desenvolvimento dessa questão especificamente, há um pequeno box que conceitua o que é um contra-argumento.

Esse LD que estamos citando, só volta a falar sobre argumentação na última unidade, a saber, unidade 6, em que há uma proposta de atividade similar a solicitada na primeira unidade, ou seja, trata-se do reconhecimento de argumentos que aparecem após a leitura de um artigo de opinião e algumas páginas de atividades que exploram desde as características do gênero a questões de interpretação e gramática; a atividade também composta por três questões propõe ao/a estudante que reconheça no artigo de opinião, anteriormente estudado, o que é fato e o que é opinião; na questão seguinte, explora o conceito de argumento de

autoridade e solicita que o/a discente faça o reconhecimento desses argumentos usados no texto e, por fim, pede o reconhecimento dos argumentos que utilizam provas concretas para se sustentar.

Há ainda uma proposta de produção de texto, artigo de opinião, que solicita ao/a aluno/a que escolha um tema que julgue ser de interesse do/a leitor/a pretendido/a e, para subsidiar essa atividade, os autores elencam alguns “passos”, um roteiro, para que o/a estudante realize a produção. O primeiro seria a definição de uma tese, em seguida, os argumentos que o/a aluno/a considera mais adequados para defender a ideia principal, a inclusão de argumentos de autoridade e de provas concretas e, por fim, que o/a aluno/a escolha um tipo de introdução e que planeje uma conclusão em que seja possível apontar possibilidades de solução para a temática escolhida pelo/a aluno/a.

No que se refere ao volume elaborado para o nono ano da mesma coleção, a argumentação é exposta na unidade 5 na qual são trabalhadas as características do gênero Artigo de Opinião. A seção segue uma sequência semelhante à descrita no volume do oitavo ano: no começo da unidade, há a apresentação do texto que será trabalhado, nesse caso, de acordo com as autoras, uma resenha crítica sobre as mulheres e a disputa pelo espaço de poder, em seguida são propostas atividades de compreensão, interpretação textual e gramática; depois, na seção intitulada a “Argumentação no artigo de opinião”, são sugeridas atividades de reconhecimento dos argumentos e tese, empregadas em partes selecionadas do texto. Após cada questão, o LD aponta um pequeno conceito acerca dos tipos de argumentos, quais sejam: o argumento de provas concretas, argumento de autoridade, argumento de exemplificação e argumento de causa e consequência.

Para encerrar a seção, o LD propõe um debate e sugere que este seja realizado em dois grupos: debatedores e observadores que devem estar atentos e anotar se os debatedores utilizaram a linguagem adequada, se defenderam as suas ideias com entusiasmo, justificaram seu ponto de vista com argumentos convincentes e se conseguiram chamar a atenção dos colegas. (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. 168). A avaliação dessa atividade prevê aspectos como: o respeito ao direito de cada um expressar o seu ponto de vista; não interromper a exposição do outro; não levar a discussão para o plano pessoal, expor e desenvolver argumentos um a um, de forma ordenada, e evitar atitudes que demonstrem impaciência, irritação ou agressividade.

Considerando a pesquisa de Azevedo (2021) e a abordagem do LD que mencionamos, percebe-se que a argumentação recorrentemente é apresentada aos/as estudantes nas aulas de Língua Portuguesa, quando o/a professor/a aborda os gêneros: debate, resenha crítica ou artigo de opinião.

No entanto, fica evidenciado que o trabalho com a argumentação nas aulas de Língua Portuguesa favorece o desenvolvimento, a flexibilidade dos/as estudantes acerca de temáticas sociais importantes, ainda que delimitadas, mas que são pouco favoráveis ao desenvolvimento da criticidade e dialogicidade, uma vez que, em grande parte das atividades, o foco recai no estudo dos gêneros e reconhecimento dos argumentos e se apaga a discursividade e o funcionamento da ideologia.

Em consonância com Azevedo (2021, p. 182), considerando que “os estudantes precisam compreender como a argumentação se realiza em situações comunicativas concretas nas quais as posições discursivas se expressam por meio da linguagem”, o que requer que as propostas do LD, bem como os planejamentos dos/as professores/as, estejam embasadas em situações autênticas de uso da língua materna, possibilitando que os/as alunos/as possam compreender a funcionalidade discursiva da argumentação para além do ambiente escolar ou da realização de atividades previamente destinadas para este fim.

Cientes da relevância que o estudo e a prática da argumentação apresentam em diferentes tipos de textos e situações comunicativas, trabalhamos com os textos multimodais, considerando a relevância que eles têm apresentado nos últimos anos no contexto escolar e do papel que assumem diante da sociedade, assim como defende Ribeiro (2016) ao afirmar:

O jogo das linguagens na produção (e na leitura!) de textos multimodais é, de fato, um assunto urgente e contemporâneo. Talvez, nunca se tenha escrito tanto. E quantas linguagens há amalgamadas em qualquer jornal ou revista, hoje? O que se escolhe dizer com palavras ou com fotos? O que se escolhe deixar subentendido? O que se escolhe narrar com palavras ou com desenhos? Que informações surgem na forma de números ou na forma de gráficos? (RIBEIRO, 2016, 26)

A autora questiona ainda: “E quem lê tudo isso? Onde se aprende a ler assim? O que dizem nossas avaliações massivas (Enem, Pisa...) sobre a leitura de

textos multimodais? Como a escola vem trabalhando textos compostos por várias linguagens?” (RIBEIRO, 2016, 26).

Em consonância com essas acepções e com a observação dos textos que nos cercam, é fácil perceber que poucos são aqueles que se encaixam em apenas uma modalidade, mas que, apesar disso, notadamente, vemos repetidas vezes que a escrita ainda é tida como a modalidade que deve ser enfatizada nos estudos textuais realizados nas salas de aula da Educação Básica brasileira, sendo considerada, de modo comumente, como único aspecto a ser explorado pelos/ pelas discentes.

3. A PRODUÇÃO DE SENTIDOS: MULTIMODALIDADE, ESCRITORALIDADE E PODCAST

Não é de hoje que muitos pesquisadores/as e educadores/as defendem a utilização de textos multimodais em sala de aula, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. Os documentos norteadores da Educação Básica também trazem orientações para que os/as professores/as explorem a multimodalidade em suas aulas. Isso se faz necessário por entendermos que a habilidade de leitura vai muito além da decodificação de palavras. É necessário que o/a estudante tenha acesso a outras informações acerca do texto, ao contexto, ao cotexto em que ele se insere.

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2017, p. 9)

A quarta competência geral citada pela BNCC (BRASIL, 2017) deixa evidente a importância da multimodalidade e prevê que, a partir dela, o estudante desenvolva durante a Educação Básica, a habilidade de expressar-se e de produzir sentidos a partir de uma diversidade de textos e linguagens que vão além da escrita.

Dessa forma, o avanço significativo da tecnologia da informação na atualidade tem propiciado a produção e análise de textos em diversas materialidades, o que tem possibilitado que as práticas sociais, que acontecem não somente pelo uso de palavras, mas também através de outras linguagens, sejam difundidas de forma impressa e, também, digital, possibilitando uma disseminação notadamente mais rápida e abrangente de conteúdos em nosso meio social. Assim, compreendemos que “os textos mudam ao longo da história. Sua composição, seu modo e fazer, as práticas de leitura em que estão envolvidos.” (RIBEIRO, 2016, 30).

Considerando os dizeres de Ribeiro (2016), é fundamental que o/a estudante tenha acesso as diversas modalidades de texto que estão sendo produzidos, sobretudo no meio digital, que tem alcançado a cada dia um número maior de pessoas que leem, ouvem e produzem materiais que são acessados por um número notável de usuários/as. Sobre esses textos, explana Marcuschi (2010, p. 15),

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes,

tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. Isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. (MARCUSCHI, 2010, p. 15)

Nesse sentido, importa discutir, nesta seção, sobre o processo de escritorialidade (GALLO 2015), que engloba os textos orais e escritos que circulam na esfera digital e, ainda, fez-se necessário tecer uma breve explanação sobre o podcast, haja vista ser esse o gênero discursivo escolhido para a aplicação da sequência didática proposta e desenvolvida com os/as estudantes colaboradores/as deste trabalho.

3.1 Tecnologia, mídias digitais e o podcast na educação

Reconhecer que a tecnologia tem ocupado cada vez mais espaços dentro da vida das pessoas é imprescindível para que possamos discutir as melhores formas de utilização desses aparatos.

Ao propor uma compreensão discursiva do digital, Dias (2016, p. 297), refere-se a um trabalho do filósofo Vieira Pinto publicado em 2005, em que ele “apontou para uma naturalização da tecnologia, questionando sua transparência e considerando a sua opacidade através do estudo do sentido de “era tecnológica”, expressão que marca a “unidade de um tempo”.

É neste tempo em que vivemos, cuja tecnologia é cada vez mais presente no cotidiano das sociedades, seja para o exercício da profissão, para pesquisas e estudos ou por mera diversão e interação social. Tão importante quanto os aparelhos tecnológicos, a conectividade acompanha o ritmo acelerado de adeptos. A este respeito, Dias (2016) discorre:

O discurso da tecnologia em geral, produz, portanto, efeito na maneira como o digital se materializa na sociedade, discursivamente como uma das peças importantes do modo de organização da vida em seu conjunto, na formação social capitalista, e do modo de individuação do sujeito pela conectividade como autenticadora da entrada desse sujeito no mundo civilizado da ciência e da tecnologia. (DIAS, 2016, p. 298)

Entendemos, então, que estar conectado oferece ao sujeito uma nova forma de inserção social, de existência na “era tecnológica” e junto a isso, participar, desfrutar das possibilidades que a vida virtual oferece, entre elas, o poder se comunicar com milhares de outros usuários da rede, podendo ter acesso a diversas discussões e participar ativamente delas. Para a autora, “não estar conectado produz essa perturbação na ordem da realidade. A conectividade é, portanto, discursivizada como um sentido universal e universalizante.” (DIAS, 2016, p. 306).

Desse modo, partimos para um outro aspecto interessante dessa “era digital” que é o avanço significativo das mídias e para melhor compreendê-las, observemos o conceito empregado por Rojo e Moura (2019) a esse termo:

Mídia é, no entanto, uma palavra ônibus em que cabem 48 significados sentados e em pé. Já em sua origem, segundo Rodrigues (s.d), o termo designava tanto aparelhos e dispositivos mecânicos e eletrônicos (telégrafo, rádio) quanto os seus produtos (fotografia). Atualmente a palavra é usada com frequência, para designar também a *imprensa, a grande imprensa, o jornalismo, meio de comunicação, o veículo [...]*. (ROJO e MOURA 2019, p. 30, grifos da autora)

É notório o quão abrangente o termo se tornou, e hoje, faz parte da vida de milhares de pessoas que acessam sejam os aparelhos digitais ou impressos pelos mais diversos motivos. Cabe ressaltar que nessa pesquisa estamos nos referindo unicamente às mídias digitais, que são aquelas que propiciam formas de comunicação, escolhidos pelo sujeito, a partir de aparelhos tecnológicos conectados à rede mundial de computadores, a internet. Para melhor esclarecer essa escolha, nos apoiamos nos dizeres de Santaella (2003 *apud* ROJO e MOURA, 2019) que discorre acerca do assunto da seguinte forma:

Essas tecnologias, equipamentos e as linguagens criadas para circularem neles [equipamentos e dispositivos da cultura das mídias] têm como principal característica propiciar a escolha e consumo individualizados, em oposição ao consumo massivo. São esses processos comunicativos que considero como constitutivos de uma cultura das mídias. Foram eles que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar. Por isso mesmo, foram esses meios e os processos de recepção por eles engendrados que prepararam a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais, cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação. (SANTAELLA, 2003b, p. 27 *apud* ROJO e MOURA, 2019, p. 33)

Considerando a reflexão proposta pelas autoras, temos um campo vasto de possibilidades de uso e funcionamento da Língua que impactam diretamente nas mensagens e efeitos de sentidos produzidos por elas nesses espaços tecnológicos/digitais.

Assim sendo, não podemos, (nem devemos), ignorar a presença da tecnologia no âmbito escolar. Uma parcela considerável dos nossos estudantes faz o uso de aparelhos digitais e estão, em grande parte das vezes, conectados ao mundo por meio da internet. Nessa perspectiva, consideramos de grande relevância o trabalho da escola para o bom uso dessas ferramentas, que por vezes, chegam ao alunado, incorporam-se ao seu cotidiano de modo automatizado, sem que haja uma reflexão de usos ou consciência das potencialidades que eles são capazes de produzir fazendo o uso pertinente dos equipamentos. Dessa forma, optamos por trabalhar com um gênero digital, o podcast.

Apesar de ser ouvido e disseminado com uma frequência muito maior que antes, o podcast não é algo tão novo assim. A palavra surge da junção de dois termos Ipod (instrumento de reprodução de áudio ou vídeo) e broadcasting, que pode ser traduzido com um método de transmissão ou distribuição de dados em larga escala. Segundo Cardoso (2022), o podcast foi criado pelo programador Dave Winer e nasceu a partir de uma tecnologia cujo objetivo era de facilitar o acesso dos internautas às postagens feitas em blogs com o intuito de que quando houvessem novidades desses sítios, os inscritos nele fossem avisados. Tal tecnologia foi denominada de RSS (Really Simple Syndication), posteriormente, Winer conseguiu, fazendo uso da tecnologia antes criada, viabilizar a inserção de arquivos de áudio. Entretanto, o atual formato de podcast que temos acesso hoje, foi elaborado por Adam Curry que, com o auxílio do programador Kevin Marks, inovou ao possibilitar o *download* instantâneo de músicas.

Nesse sentido, podemos entender o podcast também como arquivos de áudio que são disponibilizados na internet (MEDEIROS, 2005). No Brasil, o primeiro podcast foi gravado em 21 de outubro de 2004, o “Digital Minds”, criado pelo programador Danilo Medeiros, o qual tratava de assuntos relacionados à tecnologia de modo geral.

O avanço tecnológico, a maior utilização dos smartphones e a disseminação de acesso à internet contribuíram significativamente para o número de pessoas que aderiram a essa forma de comunicação, que muito facilmente é comparada aos

programas de rádio, presentes por muito tempo nas casas de parte dos brasileiros e que tinham como finalidade o entretenimento, a veiculação de notícias e informações importantes para a sociedade.

Esses aspectos, unidos ao momento pandêmico que o mundo vivencia desde 2020 e que afastou estudantes e professores/as das escolas por todo o país, trouxe ao podcast, utilizado até então, de modo tímido por poucos profissionais da educação, outra função de bastante relevância social: a possibilidade de que o conhecimento pudesse chegar aos/as estudantes mesmo estando fora da escola. O gênero então passou a ser utilizado como uma ferramenta facilitadora do processo ensino-aprendizagem. No aspecto acadêmico, ainda são poucos os trabalhos dedicados à utilização dessa ferramenta no âmbito escolar.

Devido à necessidade de inserir nas práticas pedagógicas as ferramentas digitais, para que os/as estudantes desenvolvam habilidades que lhes possibilitem agir de forma autônoma frente às novas tecnologias, e atendendo às orientações dos documentos que norteiam a educação básica brasileira, o podcast começa a ganhar espaço e adeptos nos âmbitos educacionais.

De acordo com Costa (2009, p.3-4):

Um estudo de caso realizado por Kukulka-Hulme e Traxler (2005) revela que as razões para a utilização de tecnologias móveis no ensino e na aprendizagem dizem respeito as seguintes melhorias:

1. Melhora o acesso à avaliação, ao material didático e aos recursos pedagógicos;
2. Aumenta a flexibilidade de aprendizagem para os alunos;
3. Ajuda no trabalho com alunos portadores de necessidades especiais;
4. Explora o potencial de aprendizagem colaborativa;
5. Economiza tempo e custo para a instituição de ensino;
6. Reduz barreiras culturais e de comunicação para grande número de pessoas, independente de sua localização;
7. Combina tecnologias para melhor interatividade e conectividade entre alunos;
8. Proporciona feedback imediato através de testes interativos: o usuário sabe em tempo real sua resposta/pergunta

Entre os pontos elencados, os quais permanecem válidos para a nossa realidade atual, destacamos o sétimo ponto, haja vista que, ao considerar o uso recorrente da tecnologia e conseqüentemente, dos textos multimodais, no cotidiano da nossa sociedade, há, desse modo, uma aproximação com a vivência do/da

estudante. O que tende a atribuir sentido e coerência ao que ele/ela estuda e o que observa no seu dia a dia.

A esse respeito, Ribeiro (2021, p. 13) pontua:

Os modos de ler e escrever foram fortemente afetados por dispositivos com telas (de 42 a 5 polegadas, menos ou mais), assim como a produção escrita passou a se servir de teclados, programas editores de texto bastante mais sofisticados do que a produção manuscrita, fontes, tipos, cores, impressoras e mesmo a publicação ampla. Tudo isso, obviamente, traz efeitos aos textos que podem ser escritos, considerando-se não apenas o profissional ou o artista consagrado, mas qualquer pessoa disposta a redigir.

Em consonância com as explicações dos autores citados, é coerente que, enquanto professores da Educação Básica, estejamos atentos às novas facetas do ensino de língua materna, contemplando novas perspectivas para o ensino da língua, ao surgimento dos novos gêneros discursivos e a reflexão acerca dos impactos e da funcionalidade desses gêneros no contexto social.

Ainda de acordo com o que discutimos sobre as ferramentas tecnológicas e as mídias digitais, observamos o impressionante crescimento da produção e recepção de arquivos de áudio sobre os mais diversos assuntos. É sobre esse gênero que deteremos o nosso olhar. Sabemos que cada pessoa tem um ritmo de aprendizagem e que a possibilidade de poder ver /ouvir novamente uma explicação, pausar para fazer anotações é de grande valia para a aprendizagem dos/as estudantes, e é nessa perspectiva que o podcast tem conquistado um espaço significativo para a educação.

Segundo Villarta-Neder; Ferreira (2020, p. 46), “os alunos vão preferindo utilizar o podcast como meio de preparação para provas e outras atividades das disciplinas que cursam em relação a anotações escritas”. Observa-se que tal preferência dos/as estudantes acontece também pela possibilidade de discussão e abordagem interdisciplinar dos conteúdos. Como já foi colocado anteriormente, não mais é interessante a recepção passiva de conteúdos desconexos com a realidade social na qual a pessoa (o estudante) está inserido. Cada vez mais, ele se interessa em participar de discussões sob diferentes pontos de vista, ouvir, questionar, apoiar, divergir, são ações constantemente buscadas pelos “nativos digitais”, assim como afirma Rojo (2013, p. 8).

Além disso é preciso considerar o que apontou a autora ao discorrer acerca da utilização dos letramentos dos gêneros digitais: “Tais mudanças nos letramentos

digitais, ou novos letramentos, não são simplesmente consequência de avanços tecnológicos. Elas estão relacionadas a uma nova mentalidade, que pode ou não ser exercida por meio de novas tecnologias digitais.” (ROJO, 2013, p. 7).

Fica evidenciado, então, que a escola deve ofertar aos estudantes a possibilidade de ter conhecimento sobre o mundo digital, os gêneros discursivos que circulam nessa esfera e fazem parte do cotidiano do/da estudante. Outro ponto bastante relevante que tem que ser considerado é o fato de que, nas palavras de Rojo (2013),

As mídias digitais facilitam a modificação e recombinação de conteúdos oriundos de quaisquer mídias, porque os processos de digitalização reduzem qualquer conteúdo informativo, originado de qualquer mídia, codificado em qualquer linguagem, a um código numérico/ binário comum, o qual pode ser manipulado de forma automatizada. (ROJO, 2013, p. 21)

É consenso que a utilização do aparato tecnológico apesar de, ainda estar mais utilizado pelas classes sociais dominantes, tem se aproximado de forma significativa daqueles que por muito tempo se virão apenas como receptores de mensagens veiculadas nas grandes mídias, como o rádio e a televisão. Hoje é possível que essas vozes que durante muito tempo foram silenciadas, ganhem espaço, credibilidade e sejam ouvidas por milhares de outras pessoas. A esse respeito, a autora argumenta que:

Esses espaços intersticiais, repletos de mídias locativas- recursos de tecnologias que permitem conexão móvel e contínua- tornam-se potencializadores de uma comunicação mais fluida e híbrida e, por isso, também não obedecem à tentação da polarização binária: não são nem do âmbito físico, nem do âmbito virtual; são de fronteira, são limítrofes e, conseqüentemente, interpenetrados, entrecruzados. São, sobretudo, móveis e, dependem diretamente do uso das TICs de mobilidade para a construção de interfaces sociais. [...] Não bastasse o fato de as TICs permitirem que os sujeitos da periferia entrem em contato com práticas de texto antes restritas aos grupos de poder, elas ainda possibilitam e potencializam a divulgação desses textos por meio de uma rede complexa, marcada pela fluidez e mobilidade[...] (ROJO, 2013, p. 69-70)

É imprescindível então que não ignoremos a nova realidade que a “era digital” nos proporciona e voltemos ao olhar para esse estudante que, por vezes, vive cercado de aparelhos digitais, sendo invadido pelas mídias e por vezes, torna-se um “construtor-colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas”. (ROJO, 2013, p. 8)

Apesar de ser veiculado, nas plataformas digitais de caráter oral, é, talvez, precipitado considerá-lo como um gênero discursivo exclusivamente oral, uma vez que se interrelaciona entre as modalidades oral e escrita (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2020). Ainda de acordo com as palavras dos autores,

O que sinaliza a complexidade e a riqueza desse gênero do discurso oral não está nele mesmo, mas no diálogo que estabelece com outros gêneros e com a concretude dos acontecimentos da vida. E, embora possa parecer que ouvir uma gravação em áudio/vídeo seja monológico, principalmente se for de uma palestra ou aula, cabe-nos lembrar que o diálogo está nesse circuito com o que antecede e com o que sucede cada enunciado. É nesse diálogo que o posicionamento de cada sujeito sobre o que diz, como diz e para quem diz vai constituir seu tom (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2020, p. 48)

Compreendendo as significativas mudanças pelas quais o mundo está passando no que diz respeito ao uso e acesso de ferramentas tecnológicas e a necessidade de implementação de novas metodologias de ensino que contemplem e motivem o estudante para o uso crítico dessas ferramentas, faz-se necessário, nas aulas de Língua portuguesa, o estudo dos gêneros discursivos que surgem a partir dessas tecnologias. Cope e Kalantzis (*apud* ROJO e MOURA, 2019) discorrem sobre esse ponto argumentando que não basta que a escola se preocupe com o ensino unicamente das regras da língua materna, mas possibilite aos estudantes a inserção em situações de comunicação diversas que propiciem o reconhecimento de diferentes fatores que influenciam no uso da Língua, dos quais destacam “a cultura, o gênero, experiência de vida, tema, domínio social e subjetivo” (Ibid., p. 22).

No que se refere ao conceito de gênero discursivo, Marcuschi (2010) defende:

Se tomarmos o gênero como texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana (Bakhtin, 1979), servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos (Swales, 1990) e como forma de ação social (Miller, 1984), é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que se interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido. (MARCUSCHI, 2010, p. 20)

Dessa perspectiva consideramos que o gênero discursivo está intrinsecamente ligado à sociedade, e, portanto, acompanha as mudanças produzidas por ela, desse modo, alguns gêneros caem em desuso, enquanto outros surgem.

Partindo deste princípio, entendemos, neste trabalho, o podcast como um gênero discursivo presente nas mídias digitais, com maneiras próprias de produção e circulação de sentidos.

Há muitos anos o ensino da Língua Portuguesa tem sido preconizado a partir dos estudos das tipologias e gêneros textuais. Sabe-se que a Língua é viva e dinâmica, que se modifica e acompanha as mudanças sociais. Hoje, na “era digital” é notório perceber o surgimento de uma variedade de gêneros que estão em circulação e que tem a sua apreciação, estudo e uso defendidos tantos nos PCNs como na BNCC.

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p.23-24)

Nesse sentido, considerando os apontamentos de Marcuschi (2008, p.149) e dos documentos norteadores da Educação Básica, entendemos os gêneros como uma “forma de ação social” e assim sendo, não ficam presos a estruturas estáticas, se modificam, se renovam e se misturam a medida em que a sociedade os aplica em suas práticas sociais. Portanto, defenderemos nesta pesquisa o podcast enquanto gênero discursivo.

O podcast pode ser produzido de diferentes formas, desde as mais amadoras com equipamentos eletrônicos mais simples e populares até as produções mais profissionais feitas em estúdios e com equipamentos de alta performance. Devido a facilidade de acesso, a diversidade de conteúdos e a possibilidade de ouvir quando e onde quiser, o podcast tem um grande potencial de aceitação e alcance. Esse fato possibilita que o podcast seja utilizado como ferramenta pedagógica por diferentes áreas de conhecimento e objetivos.

Nas aulas de Língua materna, por exemplo, é possível utilizá-lo tanto para que o/a professor/a grave materiais explicativos oferecendo aos alunos/as a oportunidade de acesso a esse material a qualquer momento em que precisarem; para a reprodução de episódios que tratem de temáticas com repercussão social

relevantes, instigando o senso de criticidade e o respeito à diversidade de opiniões sobre um mesmo assunto; propiciem aos estudantes reflexão e análise sobre os diversos fenômenos linguísticos, dentre muitas outras possibilidades, inclusive, a produção deste gênero pelos próprios estudantes para que participem e percebam o funcionamento da língua e a construção dos sentidos dos dizeres na prática.

Utilizar o podcast como uma metodologia de ensino-aprendizagem é algo ainda desafiador para os/as professores/as, pois envolve a disponibilidade de aparelhos digitais e internet na escola, mas também é bastante motivadora para os/as estudantes, pertencentes a uma geração que já não são adeptos da tríade “livro, lousa e giz” e preferem algo que esteja presente no cotidiano deles/delas que instigue a curiosidade e o protagonismo.

Nesta pesquisa, ao escolhermos o podcast como objeto de análise, tivemos a oportunidade de nos “conectar” e refletir com diferentes gêneros que circulam nas mídias sociais, o modo de recepção, criação e funcionamento, sendo possível levar para os/as estudantes termos e especificidades ainda pouco difundidas, como o funcionamento dos algoritmos, hashtags, circulação, legitimação e a incidência do Discurso de Escritorialidade presente nessas produções.

3.2 Escritorialidade e Efeito-rumor

Já há consenso no âmbito educacional e acadêmico a importância do estudo dos discursos orais e escritos para construção e (re)construção dos sentidos que constituem os textos que são produzidos nas diversas instâncias de nossa sociedade. Cabe ressaltar, contudo, que nem sempre foi assim. Conforme apontam Carvalho; Ferrarezi Júnior (2018), durante muito tempo a escrita foi supervalorizada pela escola, enquanto a oralidade era deixada de lado. Os autores afirmam que isso gerou um sério problema que transcendeu os muros das instituições de ensino: os/as estudantes foram ficando inibidos e intimidados quando precisavam utilizar a oralidade em algum evento formal.

Os autores pontuam que mesmo na antiga Grécia, em que a retórica era considerada a ciência mais importante, a fala que tinha prestígio social era a de pessoas mais esclarecidas, a qual a maioria da população não tinha acesso, o que também as diferenciava.

Sobre a oralidade, destacam os autores,

A oralidade é parte orgânica de nós, ela nos compõe como somos. Sua falta é como a falta de outra parte qualquer, com todas as consequências que uma falta dessas pode trazer para a vida cotidiana. Por essa razão, da mesma forma que nossa estatura, cor da pele ou dos cabelos, a oralidade é determinante para a composição de nossa identidade. Não apenas de nossa identidade pessoal, mas também de nossa identidade de grupo. (CARVALHO; FERRAREZI JÚNIOR, 2018, p. 16-7)

Por muito tempo, o/a melhor aluno/a da escola era considerado aquele que escrevia bem e que era oralmente monossilábico, que não contestava e não se “atrevia” a expor as suas ideias. Mas ao mesmo tempo, esperava-se que nas apresentações propostas pela escola, este/a aluno/a tivesse clareza e desenvoltura na sua performance, o que obviamente não acontecia. A oralidade, assim como a escrita, precisa de um estudo sistemático e formal, fazendo parte das aulas de Língua Portuguesa, contemplando variedade de gêneros textuais, situações comunicativas e reflexões pertinentes ao funcionamento da Língua, o que é inclusive, propostos nos documentos norteadores da educação. A esse respeito, Carvalho; Ferrarezi Junior (2018, p. 23) apontam que “é preciso romper com essa tradição de silêncio e devolver ao ambiente escolar o desenvolvimento das competências da oralidade. Aliás, isso é previsto na legislação educacional, que já tem quase duas décadas e ainda não ‘pegou’ no Brasil”.

Cabe ressaltar que, assim como pontuam os autores supracitados, o trabalho com a oralidade não consiste em simplesmente solicitar que os alunos falem, não se trata disso, mas de um trabalho que faça parte do conteúdo programático da disciplina, o que exige do/a professor/a estudo e planejamento visando o desenvolvimento da competência de ouvir e falar em diferentes contextos situacionais.

Em consonância com as orientações para o ensino de Língua Portuguesa, fornecido pela Base Nacional Curricular (BRASIL, 2017), uma das competências a ser desenvolvida nas aulas é:

Utilizar diferentes linguagens-verbal (oral, visual-motora, como Libras) e escrita (corporal, visual, sonora e digital) - para se expressar e partilhar informações, experiências ideias e sentimentos, em diferentes contextos, e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos, de forma harmônica, e à cooperação (BRASIL, 2017, p. 65)

A escrita, por sua vez, está historicamente associada ao aspecto de prestígio e privilégio de poucos. Desde a época da colonização, a escrita pertencia a classe dominante que era a detentora do conhecimento e do poder. Desde então, a escrita conquistou lugar de destaque nos espaços escolares e aqueles que bem desenvolvem essa competência são vistos como alunos/as inteligentes. A escrita tem o benefício da legitimidade e ainda hoje é tida como um aspecto segregador de classes sociais.

Assim sendo, para desenvolvimento deste trabalho, consideramos pertinente propor o estudo de um gênero discursivo híbrido e, mais especificamente, um da esfera digital, buscando, dessa forma, propiciar uma aproximação entre o conteúdo da escola às práticas da vida cotidiana dos/as estudantes, os quais, em sua maioria, estão significativamente inseridos nesse meio tecnológico.

Hoje, a internet tornou-se um imenso laboratório de experimentações de todos os formatos (MARCUSCHI, 2010, p. 31), nesse lugar, por vezes, o texto escrito e o texto oral dividem o mesmo espaço. Nessa perspectiva, entenderemos e trataremos essas modalidades como macro categorias: Discurso de Escrita e Discurso de Oralidade, como é mencionado por Gallo (2016, p. 311), que concebe o Discurso de Escrita como aquele que possui efeito de fim, de autoria e legitimidade, enquanto que o Discurso de Oralidade se caracteriza por não ter tais elementos, ou seja, não possui legitimidade, efeitos de fim, visto que podem sempre ser reformulados tornando-os como textos provisórios, não finalizados.

Ecoando essas afirmações, investigaremos os sentidos que são produzidos pela discursividade nessas condições do digital e, adotando a perspectiva de Gallo (2011 *apud* GALLO; SILVEIRA, 2017), também a chamaremos de *escritorialidade*.

De acordo com a autora, essa terceira macrocategoria, a escritorialidade, reúne particularidades do Discurso Oral, mas é propagada em equipamentos tecnológicos conectados à internet, adquirindo dessa forma, um efeito de finalização, típico do Discurso de Escrita (GALLO, 2016, p. 312).

Sobre esse conceito, Gallo; Silveira (2017, p. 172) explicam: “essa forma de discurso normatiza o sentido e o sujeito, por meio de sua condição material específica, determinando, assim, o escopo dentro do qual os sujeitos estarão em interlocução”. As autoras explanam que um ponto importante no que se refere a essa discursividade consiste no processo de legitimação. Conforme afirmam, diferente do que ocorre no discurso escrito, em que há uma notória legitimação por

reconhecimento e, também de forma distinta ao que se refere ao discurso oral, o discurso de escritorialidade se legitima por um novo critério inerente ao meio digital: a visibilidade, que acontece por meio da circulação dentro da Rede. Assim sendo, quanto mais o texto é compartilhado entre os internautas, mais credibilidade ele ganha, adquirindo assim o *status* de legitimidade.

A adesão a esses textos que circulam na internet agrega a eles efeito de autoria, que é outra característica pertencente ao Discurso de Escrita:

O Discurso de Escritorialidade, portanto, se constitui em processos de adesão a novos sentidos (quanto mais adesão, melhor) formulados em consonância com a condição técnica da internet. Eles originam-se aí e seus sujeitos constituem-se aí. Não são reconhecidos, mas são legitimados por adesão. (GALLO, 2016, p. 316)

Considerado por Gallo (2016) como um novo tipo de autoria, a pesquisadora explica que esta se “produz por contradição do que entendíamos até então por efeito autor” (GALLO, 2016, p. 317).

Para uma melhor compreensão entre as macrocategorias citadas, Gallo (2016) utiliza a explicação de Silveira (2015) que explana de que modo o efeito autoria acontece em cada uma: “Ao passar da oralidade para a escrita, do boca a boca, para um espaço de escrita que se estrutura de forma singular, o rumor produz um novo efeito-autor que entra em confronto com as formações dominantes da mídia e da política” (SILVEIRA, 2015, p. 134 *apud* GALLO, 2016, p. 318)

Nesse sentido, explica ainda:

Um efeito autor que não é o da mídia e da política; é um efeito autor do discurso político ordinário. Um discurso que nasce nessa relação entre aquilo que era da ordem do ordinário restrito ao âmbito do privado, oralidade, e passa para uma ordem do ordinário midiaticizado, escrito. É nesse sentido, uma das formas de escritorialidade formuladas por Gallo (2008). (SILVEIRA, 2015, p.134 *apud* GALLO, 2016, p. 318)

É possível observar, então, que Silveira (2015) chama atenção para alguns conceitos sobre os quais discorreremos mais adiante: efeito-autor, característico do Discurso de Escrita, e efeito-rumor, que em linhas gerais, designa uma nova forma de autoria, sendo esta, característica do Discurso de Escritorialidade, que considera a transitoriedade de sentido e o modo de legitimação do discurso.

Gallo (2016) chama a atenção ainda para outro ponto no processo de legitimação do Discurso de Escritorialidade que acontece quando os sentidos se invertem, isto é, quando a consolidação não se dá em um discurso que surge na internet, mas de um discurso de Escrita que ganha legitimidade ao circular nas mídias sociais. A autora cita como exemplo o Discurso jurídico que é um Discurso de Escrita, mas ao ser materializado em sítios criados para a sua veiculação, é afetado pelo discurso de Escritorialidade

o Discurso Jurídico, que é um Discurso de Escrita, cujo texto se formula nessa discursividade (uma petição), pega carona na forma de circulação do Discurso de Escritorialidade, materializado em um site criado para esse fim, visando um grande número de adesões e assim, legitimando-se” (GALLO, 2016, p. 319)

Sobre a legitimidade do discurso, é importante considerar a origem histórica do Discurso de Escrita, que surge a partir de uma longa trajetória de dominação relacionada à alfabetização restrita a poucos/as. Como sabemos, inicialmente, apenas o clero detinha o conhecimento da escrita, posteriormente esse conhecimento foi transmitido à nobreza, principalmente através do poder político dos reinados, que exigiam a escrita em suas línguas nativas em vez do latim, esses fatos nos recordam que ao longo da história, as instituições de poder sempre exerceram controle sobre a prática da escrita, que torna-se legítima por ter relação com a produção de arquivos institucionais (Gallo, 2016).

Neste sentido, a autora pontua que “A escritorialidade praticada na internet, de alguma forma, desloca esse ritual de anos em direção à escrita, ao qual sempre tivemos que nos submeter para sermos reconhecidos como autores”. Gallo (216, p. 319)

Gallo; Silveira (2017) tecem comentários, também, a respeito do processo de normatização que se encerra no digital. Sobre isso, afirmam: “toda e qualquer produção de sentido com base no digital, está determinada por parâmetros formais normatizadores, próprios do digital, e que resultam em determinações do sentido e do sujeito” (Ibid., p. 171).

As autoras afirmam que, quando um discurso escrito, como o texto científico, por exemplo, começa a circular em esferas digitais, não é afetado, com isso, pela normatização do discurso digital, com exceção, por vezes, do aspecto de sua circulação.

Quanto à forma-discurso de escritorialidade, observam que o critério de legitimidade que, como já dito, ocorre através da quantificação, surge para tratar desses discursos que não podem ser considerados ilegítimos como o Discurso de Oralidade e nem são legitimados por reconhecimento como o Discurso Escrito. (GALLO, SILVEIRA, 2017, P. 173)

De acordo com as autoras, “a forma-discurso de escritorialidade caracteriza-se, então, por comportar um discurso de escrita ou de oralidade, imbricado em um espaço enunciativo, forjado nas tecnologias digitais” (GALLO; SILVEIRA, 2017, p. 177). É exatamente isso que nos interessa porque o discurso materializado em podcast, a nosso ver, imbrica escrita e oralidade ao mesmo tempo.

Dessa forma, entendemos que, para Gallo (2015, p. 1), de modo geral, o Discurso da Escrita consiste em uma categoria que contempla as discursividades com efeito de fim, de unidade e de legitimidade, o que implica dizer, segundo a autora, que esse discurso tem efeito de autoria, enquanto o Discurso de Oralidade compreende discursividades sem efeito de fim e sem efeito-autor, uma vez que pode ser reformulado à medida que é propagado por um sujeito-autor. Vale ressaltar que o discurso de Escritorialidade, o qual nos propomos a tecer análise, pode ter, segundo a autora, legitimação e o efeito-autor, contudo, essa não é uma condição inerente a esse tipo de discursividade, pois, “para que aconteça esse efeito é preciso uma leitura a partir de um discurso de Escrita” (Ibid., p. 6)

Podemos afirmar, assim, que todos os discursos que circulam nos espaços enunciativos informatizados da internet são igualmente abarcados por esse processo de normatização que incide sobre a circulação, e todos os âmbitos da circulação, podem ser considerados discursos de escritorialidade.

Como vimos anteriormente, Gallo (2015) tece considerações importantes acerca do que ela denomina de macro categorias, a saber: Discurso de Escrita, Discurso de Oralidade e Discurso de Escritorialidade.

Uma das principais distinções entre essas categorias é a legitimidade discursiva que, de acordo com a autora, é característica inerente aos discursos de escrita, uma vez que, outrora, esses discursos eram produzidos apenas por uma pequena parte da população, tomando por base o Brasil colonial, visto que naquela momento da história, a educação era privilégio de uma pequena parte da sociedade, portanto todo discurso escrito por estas pessoas, que invariavelmente, estabeleciam uma relação de poder para com os outros/as que não eram alfabetizados/as, eram

dotados de valor, tornando-os tão legítimos que são ainda utilizados como base para discursos institucionais produzidos atualmente (GALLO, 2021). Isso se deve à credibilidade que era depositada no enunciador/a.

Desse modo, é possível compreender o motivo pelo qual o Discurso de Escrita ainda hoje ocupa um lugar de destaque em diversos âmbitos, especialmente, no escolar, que por muito tempo ocupou-se em ensiná-lo como o “modelo” em detrimento ao Discurso de Oralidade.

Ainda considerando os dizeres de Gallo (2021), mesmo que o Discurso de Escrita seja posteriormente oralizado, ele não perderá a legitimidade, isso se deve ao modo de circulação em que ele irá se materializar, independente de quem seja o sujeito que o formule. Por sua vez, o discurso de oralidade não se tornará legítimo ao ser escrito, pois não atenderá ao efeito de fim, de unidade.

Sobre o Efeito-autor, é possível compreender que é o termo utilizado para designar o enunciador que produz um Discurso de Escrita e está relacionado à confiabilidade e, portanto, confere legitimidade ao conteúdo do texto escrito.

O Sujeito-autor, por sua vez, é aquele que assume uma função de autoria e que está presente em qualquer categoria discursiva, inclusive a de oralidade. (GALLO, 2021)

Essa noção de autoria, de Sujeito-autor, também é defendida por Orlandi (2020, p. 72) que afirma que “a autoria é uma função do sujeito”, ou seja, a função autor designa aquele sujeito que dá voz ao discurso, que enuncia, que se assume enquanto produtor da enunciação. Entretanto, a autora deixa claro que somente o ato de falar não é suficiente para conferir ao sujeito o título de sujeito-autor, sendo imprescindível que esse sujeito assuma o papel social de autor, sendo responsável pelo que diz e pelo que deixa de dizer.

Nesse sentido, é importante ressaltar que trabalhamos com a noção de sujeito que é proposta por Gallo (2015, p.54) que o conceitua como: “Corpo simbólico e imaginário construído para nós mesmos e para os outros”, ou seja, nessa perspectiva, o sujeito não é visto apenas como um corpo físico, mas como um indivíduo que é “interpelado pela ideologia e pelo inconsciente e que produz sentidos no dizer” (ORLANDI, 2020, p. 44).

O Efeito-rumor, por sua vez, está relacionado ao Discurso de Escritorialidade, pois pode ser entendido como o modo pelo qual o discurso é

legitimado, que, como já dissemos anteriormente, se dá pela adesão dos usuários que acessam a internet, visualizam e replicam os discursos que lá estão.

Assim, Gallo (2016, p. 318) afirma que “na mesma medida em que o Discurso de Escrita produz Efeito-autor, o Discurso de Escritorialidade estaria produzindo Efeito-rumor”.

3.3. A Cultura do Cancelamento e a produção de sentidos

Com o exponencial aumento da tecnologia, dos aparelhos eletrônicos e das redes sociais, muitos termos até então “desconhecidos” passaram a ser utilizados frequentemente por toda a sociedade. As redes sociais, na maioria das vezes, assumem um papel que até então só cabia à televisão: ditam a moda, comportamentos e têm relevante influência no repertório linguístico dos seus usuários. A diferença entre elas é que, nos tempos em que a televisão imperava como principal fonte de entretenimento e informação, os telespectadores apenas ouviam de forma passiva o que lhes era “transmitido”, enquanto que as redes sociais trouxeram a possibilidade do diálogo entre os usuários, e o espaço digital acabou tornando-se lugar de debate, questionamentos e julgamentos.

A possibilidade de ser visto e ouvido por muitas pessoas tem atraído a atenção de artistas e anônimos, que em posse dos seus aparelhos eletrônicos, dão visibilidade a diversos assuntos, curtem e compartilham vídeos e mensagens que em instantes viralizam e chegam a outras tantas milhares de pessoas.

A respeito dessa circulação dos discursos digitais, e considerando os apontamentos de Orlandi (2001) acerca da constituição, formulação e circulação dos discursos, Dias (2018) entende que,

é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hastags, memes, links...) que o digital se formula e se constitui. De outro modo, diríamos que o discurso digital se formula ao circular. E isso faz diferença na produção de sentidos. Essa mudança na ordem não quer estabelecer uma relação de anterioridade de um momento em relação ao outro, mas de perspectiva. Olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação tem a ver com o sentido que se produz no efêmero, no agora. (DIAS, 2018, p. 29)

Entende-se desse modo que o discurso digital tem como uma das características se formular a partir de questões que estão em circulação na mídia.

Nesse sentido, pode-se compreender a Cultura do Cancelamento como um movimento que surge nas mídias sociais e parte de um grupo de pessoas em relação a um indivíduo famoso ou não, a princípio com o objetivo de questioná-lo e o fazer refletir acerca de determinada atitude, posicionamento ou fala. O termo passou a ser usado e viralizado em outubro de 2017, a partir do movimento *Me Too*, que denunciava o produtor de cinema americano Harvey Weinstein por agressões e assédio sexual a mulheres em seu ambiente de trabalho. A campanha logo ganhou força e adesão entre as atrizes de Hollywood, que protestavam e se colocavam contra a atitude do produtor. A denúncia resultou na demissão de Weinstein.

A partir de então, o movimento se multiplicou repercutindo em todos os cantos do mundo e escancarou um dos grandes problemas que muitas mulheres ainda enfrentam que é o assédio sexual. Tal movimento resultou também na denúncia de mais de meio milhão de mulheres, que responderam a solicitação da atriz Alyssa Milano, respondendo com “#MeToo” caso já tivessem sido agredidas ou assediadas sexualmente, escancarando uma problemática social, que muitas vezes fica velada nas sociedades de boa parte dos países.

Segundo Dias (2018, p. 108), essas redes criam meios de compartilhamento que ocorrem por processos de identificação a lutas determinadas e formas de mobilização, muitas vezes, localizadas, mas que produzem efeitos de modo mais amplo no meio social.

No Brasil, o termo também passou a fazer parte do repertório vocabular da população e passou a ser usado com frequência, principalmente durante a apresentação do Reality Show Big Brother Brasil 2020 em que muitos dos participantes foram cancelados por atitudes e falas consideradas inapropriadas.

Nesse sentido, o que se pode observar a respeito da cultura do cancelamento é que ela tem ganhado proporções e, o que no começo era apenas para fazer o sujeito cancelado repensar seus atos ou ser punido por eles, passou a ser uma forma de ostracismo, condenação e, por vezes, propagação de discursos de ódio.

4. PERCURSOS METODOLÓGICO E ANALÍTICO

Os procedimentos metodológicos e analíticos adotados para o desenvolvimento deste trabalho consistem em uma pesquisa-ação, haja vista que coletamos os dados que constituíram o *corpus* no próprio ambiente em que foram produzidos, escolha esta que se justifica pela possibilidade de obtenção de dados de linguagem que retratem de forma precisa e bastante fidedigna os fenômenos analisados.

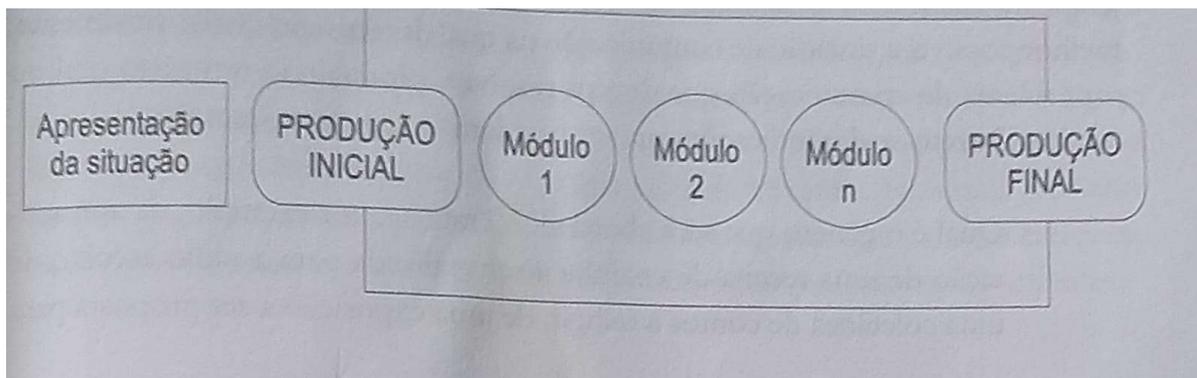
Sob essa perspectiva, optamos por adotar percursos metodológicos qualitativos, os quais, segundo Flick (2004, p. 17), “não podem ser considerados independentemente do processo de pesquisa, sendo melhor compreendidos e descritos através de uma perspectiva do processo”.

A relevância desse tipo de abordagem para o estudo das relações humanas consiste, ainda de acordo com Flick (2004, p. 17), “ao fato da pluralização das esferas de vida”, as quais requerem, assim, a uma análise detalhada de cada um dos constituintes do *corpus*, assim como de todo o processo da pesquisa e, ainda, dos demais fatores que estiverem relacionados e exercerem influência sobre o estudo proposto. Além disso, “os participantes têm muito mais liberdade para determinar o que é importante para eles e para apresentá-los em seus contextos”.

Para a obtenção do *corpus* do trabalho, fizemos a aplicação de uma sequência didática, doravante SD, a qual consiste, de acordo com Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004, p. 81), em “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Desse modo, consideramos o modelo de SD proposto pelos referidos professores para o estudo dos gêneros discursivos, o qual será exposto e comentado a seguir:

Figura 2 - Esquema base de Sequência Didática



Fonte: DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY (2004, p. 83)

Nesse modelo, os autores sugerem que inicialmente os/as professores/as façam uma *apresentação da situação*, etapa em que há uma descrição da atividade que os/as alunos/as desenvolverão. Assim, os/as estudantes serão orientados/as a produzir a primeira versão do texto, o qual pode ser escrito ou oral, a depender do gênero discursivo escolhido, sendo essa, a produção inicial (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 84).

Os referidos professores defendem que essa etapa tenham como objetivo propor aos discentes um projeto de comunicação que será aprimorado ao longo das fases da sequência didática, bem como os preparará para desenvolver a produção inicial, a qual, segundo os autores, deve ser analisada como “uma primeira tentativa de realização do gênero que será, em seguida, trabalhado nos módulos” (Ibid, p. 84).

Assim, na apresentação da situação é indispensável, de acordo com os autores, dar instruções precisas aos/as alunos/as, deixando-os/as cientes de qual gênero discursivo irão produzir, qual será o suporte em que o texto estará vinculado e, para isso, recomendam que o/a professor/a peça-lhes que leiam ou escutem um texto do gênero a ser trabalhado.

Outros pontos a serem considerados, na perspectiva de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 85), são: análise do público-alvo da produção, qual será a formação de divulgação – digital ou impresso – quem serão os participantes do evento de exposição dos trabalhos, uma vez que todos/as os/as discentes podem ser escolhidos/as ou mesmo apenas um número determinado de representantes de cada turma inserida no projeto.

Além disso, ainda segundo a proposta dos autores, o conteúdo também é um fator relevante na fase de apresentação da situação, uma vez que já nessa

etapa é necessário que os/as alunos/as se atentem a importância que esse conteúdo desempenha e analisem com qual deles irão trabalhar.

Nesse sentido, compreendemos que essa etapa da sequência didática, “permite, portanto, fornecer aos alunos todas as informações necessárias para que conheçam o projeto de comunicação visado e aprendizagem de linguagem a que está relacionado” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 85).

O segundo ponto elencado na sequência didática consiste na *primeira produção*. Nesse momento, conforme os autores, os/as alunos/as devem ser orientados a produzir a primeira versão do texto na modalidade oral ou escrita e, dessa forma, deixarão transparecer as representações que eles/as possuem quanto a tarefa solicitada em sala de aula. Sobre esse direcionamento, ressaltam e explicam os autores:

Contrariamente ao que se poderia supor, a experiência nos tem mostrado que esse encaminhamento não põe os alunos numa situação de insucesso, se a situação de comunicação é suficientemente bem definida durante a fase de apresentação da situação, todos os alunos [...] são capazes de produzir um texto oral ou escrito que responda corretamente à situação dada, mesmo que não respeitem todas as características do gênero visado. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 86)

Desse modo, destacam que essa produção inicial tem uma função importante para os/as alunos/as e para os/as professores/as, haja vista que,

Para os alunos, a realização de um texto oral ou escrito concretiza os elementos dados na apresentação da situação e esclarece, portanto, quanto ao gênero abordado na sequência didática. Ao mesmo tempo, isso lhes permite descobrir o que já sabem fazer e conscientizar-se dos problemas que eles mesmos, ou outros alunos, encontram. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 86)

Nessa perspectiva, defendem que, através dessa primeira produção, o objeto da sequência didática ficará mais evidente e as dificuldades apresentadas pelos/as discentes durante a produção poderão ser priorizadas ao longo das etapas seguintes. Dessa forma, pontuam que a sequência didática se inicia pela designação do que é necessário aprimorar para que se possa desenvolver, ainda mais, as habilidades comunicativas dos/as estudantes, considerando, inclusive, as especificidades próprias de cada gênero discursivo, possibilitando-lhes estarem mais preparados/as para a produção a ser proposta nas últimas etapas da sequência didática.

Em consonância com os autores, essas primeiras produções não devem servir para a atribuição de nota aos/as alunos/as, mas sim, devem ser vistas como fontes relevantes de observação que possibilitam lapidar a sequência às necessidades de cada turma, não deixando de constituir, entretanto, o primeiro lugar de aprendizagem propiciado pela aplicação da sequência. Nesse sentido, justificam:

Com efeito, o simples fato de “fazer” – de realizar uma atividade delimitada de maneira precisa – constitui um momento de conscientização do que está em jogo e das dificuldades relativas ao objeto de aprendizagem, sobretudo se o problema comunicativo a ser resolvido ultrapassa parcialmente as capacidades de linguagem dos alunos e confronta-os, assim, a seus próprios limites. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 87)

No que se refere a essas dificuldades, os autores defendem que elas podem ser amenizadas ou sanadas se, ao serem diagnosticadas, passem a ser analisadas por diferentes formas, tais como: “discussão, em classe, sobre o desempenho oral de um aluno; troca de textos escritos entre os alunos da classe; reescuta da gravação dos alunos que produziram o texto oral etc.” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 87).

Desse modo, é possível, segundo os autores, que os pontos fortes e os que devem ser aprimorados sejam visibilizados, as técnicas das modalidades escrita e oral sejam debatidas e também analisadas, bem como o planejamento para as possíveis soluções para os pontos a serem melhorados sejam, efetivamente, articulados, pois, ainda de acordo com Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004, p. 87), “isso permite introduzir uma primeira linguagem comum entre aprendizes e professor, ampliar e delimitar o arcabouço dos problemas que serão objeto de trabalho nos módulos”.

A etapa seguinte da sequência didática proposta pelos referidos professores consiste na aplicação dos *módulos*, os quais são destinados ao trabalho com os pontos que os/as alunos/as apresentaram mais dificuldades em executar ou adequar ao gênero discursivo estudado em sala de aula, uma vez que, para os autores, “a atividade de produzir um texto escrito ou oral, é de uma certa maneira, decomposta, para abordar, um a um separadamente, seus diversos elementos, à semelhança de certos gestos que fazemos para melhorar as capacidades de natação, nos diferentes estilos” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 86-87).

Nesse modelo, a sequência é finalizada com uma produção final que possibilita aos/as discentes colocar em prática os conhecimentos adquiridos e aprimorados ao longo de sua aplicação, tornando o estudo do gênero discursivo trabalhado em sala de aula mais eficaz e notadamente mais produtivo.

Ao considerar a viabilidade de adequação do modelo de sequência didática proposto pelos referidos autores à realidade das escolas brasileiras e, de modo bastante específico, às turmas selecionadas neste trabalho, adaptamos a SD, visando atender a essas necessidades apresentadas pelos/as nossos/as discentes, bem como objetivando trabalhar não somente questões estruturais relativas ao gênero discursivo escolhido, (o podcast), mas também – e sobretudo - instigá-los/as a práticas de argumentação e produção de sentidos inerentes às características desse estilo de texto sobre uma problemática social atual que faz parte de forma eminente do cotidiano dos/as jovens e adolescentes brasileiros/as; qual seja, a cultura do cancelamento.

A sequência didática foi aplicada com uma turma de nono ano, de uma escola pública municipal da cidade de Arapiraca -AL com o objetivo de perceber os efeitos de sentidos dos argumentos escolhidos pelos/as estudantes para defender o seu ponto de vista e de que modo eles/as reproduzem, ressignificam ou rejeitam discursos preconceituosos presentes na sociedade.

A princípio é importante dizer que após dois anos sem aulas presenciais devido à pandemia do novo Coronavírus, foi bastante difícil trabalhar e desenvolver a argumentação na turma que apresenta uma quantidade significativa de alunos/as e que tem dificuldades em ler e compreender pequenos enunciados e textos de gêneros diversificados. É importante destacarmos que grande parte da turma frequentou à escola quando estavam ainda no 6º ano. As séries seguintes, 7º e 8º foram ofertadas remotamente devido à pandemia e, posteriormente, com a reforma do espaço escolar, muitos/as desses/as alunos/as não acompanharam as aulas *on-line*, nem fizeram as atividades propostas nos roteiros destinados por não terem acesso à internet ou telefone celular.

Outra dificuldade encontrada durante o desenvolvimento da pesquisa foi encontrar tempo para a aplicação, uma vez que as aulas já iniciaram no final de março e o calendário de projetos proposto pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) e pela equipe pedagógica da escola é bastante extenso. Ainda sobre as dificuldades durante o processo, o uso da sala de mídia, mesmo utilizando o

aparelho celular da pesquisadora para que os/as alunos/as gravassem os podcasts, também foi um ponto de atenção.

Depois de todos esses percalços, nos deparamos com a dificuldade dos/as discentes em formular o próprio pensamento e instigar o senso de criticidade diante da proposta. Parte dos/as estudantes limitou-se a copiar textos prontos da internet e não desenvolveram a atividade como havia sido solicitada. Por este motivo, a atividade precisou ser refeita com a orientação de que o texto deveria ser de autoria própria.

Cabe pontuar, ainda, que este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, a qual, segundo Flick (2013),

[...] em geral, você não parte necessariamente de um modelo teórico da questão que está estudando e evita hipóteses e operacionalização. Além disso, a pesquisa qualitativa não está moldada na mensuração, como acontece nas ciências naturais. Finalmente, você não estará interessado nem na padronização da situação de pesquisa nem, tampouco, em garantir a representatividade por amostragem aleatória dos participantes (FLICK, 2013, p. 22-23)

Nesta perspectiva, os dados coletados que constituem o *corpus* deste trabalho foram analisados considerando as especificidades do *lôcus* e dos/as colaboradores/as, de modo que possibilitou interpretar e descrever cuidadosa e detalhadamente os avanços e as dificuldades encontradas para aplicação da presente pesquisa, que, para além de uma discussão teórica, faz uma intervenção no ambiente que está sendo estudado, constituindo-se, assim, uma pesquisa-ação.

Apresentaremos, a partir de agora, as sequências didáticas.

4.1 Sequências didáticas

Tabela 1 – Plano de aula 1

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
AULA Nº01: Ativação dos conhecimentos prévios	
Ano: 9º ano Período: matutino	Duração: 1 aula de 60 min
HABILIDADE:	

(EF89LP02) Analisar, conhecer e identificar diferentes práticas de linguagem na mídia digital (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, gif, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.
OBJETIVOS
Refletir sobre as diferentes práticas de linguagem pertencentes ao gênero digital; Sondar o que os/as estudantes já sabem a respeito da cultura do cancelamento.
PROCEDIMENTOS
Aplicação de questionário.
RECURSOS
Questionário impresso.

Tabela 2 – Plano de aula 2

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
AULA Nº02: Internet e a cultura do cancelamento	
Ano: 9º ano Período: matutino	Duração: 2 aulas de 60 min
HABILIDADE:	
(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio e cultura do cancelamento.	
OBJETIVOS	
Diferenciar liberdade de expressão, discursos de ódio, cultura do cancelamento; Identificar em textos que circulam na internet a ocorrência do discurso de ódio e da cultura do cancelamento; Refletir sobre os motivos que levaram determinado artista ou personalidade pública a ser “cancelado”.	
PROCEDIMENTOS	

<p>Apresentação e leitura de posts que tiveram grande repercussão nas redes sociais.</p> <p>Instigar os/ as estudantes a lembrar e citar outros exemplos em que é possível perceber a cultura do cancelamento em funcionamento.</p>
RECURSOS
Notebook, celulares, apresentação em Power point, acesso à internet

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
AULA Nº03: O texto argumentativo	
Ano: 9º ano Período: matutino	Duração: 2 aulas de 60 min
HABILIDADE:	
(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.	
OBJETIVOS	
Conhecer, de modo sistematizado, os tipos de argumento (argumento de provas concretas, argumento de autoridade, argumento de exemplificação e argumento de causa e consequência)	
PROCEDIMENTOS	
<p>Dialogar com os estudantes acerca do que são argumentos, a utilização deles no cotidiano dos estudantes, apresentação dos tipos de argumentos.</p> <p>Leitura compartilhada de fragmentos textuais para que o estudante possa reconhecer o(s) argumento(s)</p> <p>Jogo da argumentação – Olimpíada de Língua Portuguesa</p>	
RECURSOS	
Livro didático e fragmentos textuais para identificação da argumentação.	

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
AULA Nº04: Produção de texto argumentativo

Ano: 9º ano Período: matutino	Duração: 2 aulas de 60 min
HABILIDADE:	
(EF69LP18) Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos (“primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão” etc.).	
OBJETIVOS	
Dissertar acerca do que é a cultura do cancelamento, de que modo ela atua e ganha espaço no cotidiano das pessoas e quais são os possíveis danos ou benefícios dessa prática na sociedade.	
PROCEDIMENTOS	
Propor uma produção de texto argumentativa em que os/ as estudantes possam expressar os seus pontos de vista acerca da cultura do cancelamento.	
RECURSOS	
Notebook, celulares, proposta de redação e folha de redação.	

Tabela 3 – Plano de aula 3

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
AULA Nº05: O podcast	
Ano: 9º ano Período: matutino	Duração: 1 aulas de 60 min
HABILIDADE:	
(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção do gênero Podcast e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguísticas características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.	

OBJETIVOS
Apropriar-se das características, função e circulação do gênero Podcast.
PROCEDIMENTOS
Exposição oral do/a professor (a) sobre o gênero podcast, as características, finalidades e circulação. Mostrar alguns podcasts disponíveis na internet.
RECURSOS
Notebook, celulares, caixinhas de som, podcast selecionados.

Tabela 4 – Plano de aula 4

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
AULA Nº06: O podcast: Hora de produzir!	
Ano: 9º ano Período: matutino	Duração: 2 aulas de 60 min
HABILIDADE:	
(EF69LP10) Produzir notícias para podcasts noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros. (EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.	
OBJETIVOS	
Produzir podcasts a partir da temática da cultura do cancelamento, expondo o ponto de vista dos/as estudantes, por meio da argumentação.	
PROCEDIMENTOS	
Organizar o local e os equipamentos para a gravação dos podcasts; solicitar aos/as alunos/as que, diante do que já foi trabalhado nas aulas anteriores acerca da cultura do cancelamento, gravem os podcasts expondo a	

opinião deles/as, defendendo-as por meio de argumentos consistentes. A atividade será realizada em grupos de até quatro alunos/as que farão a oralização dos textos escritos previamente.

4.2 O CORPUS DE LINGUAGEM

Como dissemos, iniciamos o nosso trabalho em abril de 2022, quando em reunião com a equipe gestora e pedagógica da escola, indagamos acerca da viabilidade de realização da pesquisa com uma turma do nono ano. Depois da resposta afirmativa por parte da gestão escolar, pensamos em uma temática que fosse atrativa para a interação para os/as alunos/as e que estivesse em evidência na sociedade. A cultura do cancelamento foi escolhida porque depois de terem passado muito tempo fora da escola, os/as alunos/as estavam bastante “dependentes” do aparelho celular e repercutiam com intensidade o que acontecia nas redes sociais, especialmente em perfis criados por eles/as para “comentar” o comportamento, as vestimentas e experiências amorosas de seus colegas. Achemos então, que a temática seria pertinente e que possibilitaria a reflexão dos seus próprios atos no meio virtual.

Em seguida, escolhemos qual seria a turma em que faríamos a pesquisa-ação. Vale ressaltar que a sequência didática foi aplicada igualmente nas três turmas de 9º ano e que em todas elas a atividade final foi a produção de um podcast, que foi alocado em uma plataforma de *streaming*, ouvido e discutido em sala de aula, entretanto, tivemos que escolher apenas uma turma para analisar os resultados da pesquisa. Depois de refletirmos, decidimos que escolheríamos a turma com o maior número de estudantes assíduos às aulas, visto que as gravações já ocorreram no começo do mês de junho e tivemos um período de fortes chuvas e em algumas turmas o número de participantes oscilava em decorrência de problemas que variavam desde a impossibilidade de chegar à escola por causa das estradas que dificultavam o acesso à escola, até situações de perda de bens materiais e até de moradia. Depois do período de observação, percebemos que a turma A era a mais frequente e, portanto, seria ela a escolhida.

Partimos então para a conversa com os/as discentes, explicando-lhes de que forma se daria o trabalho e deixando-os/as à vontade para decidir se gostariam ou não de participar. Dos 47 alunos/as da turma participante, 1 aluno foi transferido logo no primeiro mês e 8 não quiseram participar. Todos os/as alunos/as assistiram às aulas sobre argumentação, gêneros discursivos, produção textual e discussões acerca da temática trabalhada, a saber, a cultura do cancelamento, entretanto, os/as que não quiseram, apenas não participaram da gravação do material de pesquisa.

Desse modo, contamos com a participação efetiva de 38 estudantes do nono ano A, do turno matutino, de uma escola municipal do agreste alagoano.

O passo seguinte foi saber o que esses discentes já sabiam sobre podcast, argumentação e cultura do cancelamento. Para tanto, levamos um formulário com perguntas simples para que eles respondessem.

Dos 38 alunos/ alunas participantes da pesquisa, 10 relataram saber o que é um podcast; 30 já tinham ouvido falar sobre cultura do cancelamento e apenas 1 soube conceituar com as suas palavras o que é argumentação.

A partir desse ponto, demos início a aplicação da Sequência Didática. Na primeira aula trabalhamos com a habilidade EF89LP02 (BRASIL, 2017) que versa sobre a análise, conhecimento e identificação das diferentes práticas de linguagem na mídia digital. Conversamos sobre as formas de interação nessas plataformas o “curtir, comentar e compartilhar”, questionando em que momento eles/elas fazem uso dessas ferramentas. Em seguida, aplicamos um novo questionário contendo os principais gêneros que circulam na esfera digital atualmente com o intuito de compreender quais desses gêneros eram familiares aos/as discentes.

Para a nossa surpresa, os/as discentes reconheceram e nomearam quase todos os gêneros que foram mostrados no formulário, mas ficaram em dúvidas ou deixaram em branco o contexto de uso e a função de cada um. Com esse material em mãos, partimos para o estudo dos textos que circulam na internet. Os/as estudantes foram convidados/as a levar diferentes tipos de texto que encontrassem em suas redes sociais durante aquele dia. Na aula seguinte, após a explanação acerca dos principais gêneros discursivos digitais, os/as alunos/as construíram cartazes com os *posts* que foram solicitados na aula anterior.

Na aula seguinte, trabalhamos com a habilidade EF69LP01, cujo propósito é mostrar aos alunos/alunas a distinção entre a liberdade de expressão, assegurada constitucionalmente, e o discurso de ódio que tem se alastrado nas redes sociais.

Falamos ainda a respeito da cultura do cancelamento e os/as alunos/alunas foram instigados a lembrar de fatos e personalidades que foram “cancelados virtualmente” para que dessa forma, fosse possível mostrar o funcionamento dessas práticas. Alguns/algumas artistas foram os mais citados/as durante esse momento, a exemplo de: Luiza Sonza, Karol com K; Projota, Dj Ivis, entre outros.

No terceiro momento da SD, trabalhamos com a habilidade EF89LP04, que objetiva a identificação e avaliação de teses/ opiniões e dos argumentos que sustentam o discurso. Para isso, apresentamos sistematicamente o conceito de tese, argumentação, texto argumentativo e dos principais tipos de argumentos que geralmente são encontrados como sustentação para a defesa da tese. Em seguida, utilizamos o “jogo da argumentação” disponível no material das Olimpíadas de Língua Portuguesa com o intuito de dinamizar o processo e, ao mesmo tempo, proporcionar aos/as alunos/as a oportunidade de reconhecimento dos argumentos utilizados em diferentes textos e situações comunicativas.

Depois desse momento, que precisou ser retomado posteriormente, solicitamos a produção de um texto argumentativo, atendendo a habilidade EF69LP18, que prevê a utilização dos tipos de argumentos e recursos coesivos na produção escrita. Observamos que muitos alunos/as apresentaram dificuldades em realizar a tarefa. Alegaram não saber como começar, de que modo continuar e nem como finalizar o texto. Orientamos que, em uma folha de rascunho, os/as estudantes pensassem na tese que iriam defender e os motivos pelos quais optaram por aquele ponto de vista. Obviamente as questões relacionadas à gramática e estrutura do texto se fizeram protagonistas nesta etapa e surgiram em falas como: “prof, eu não sei escrever!”.

Ao término da aula recebi apenas 2 produções finalizadas. Entendendo que aqueles/as alunos/as passaram quase dois anos praticamente sem estudar, permiti que levassem a proposta e o rascunho que começaram em sala de aula para as suas casas, afim de que desenvolvessem melhor o texto e entregassem na aula seguinte. Entretanto, muitos se limitaram a transcrever textos prontos encontrados na internet. Observando o número de “cópias” recebidas, solicitamos que os textos fossem reescritos, dessa vez em sala de aula e em duplas formadas por sorteio, para que um pudesse auxiliar o outro.

Considerando a dificuldade apresentada pelos/as discentes, decidimos trabalhar um pouco mais com os conceitos de tese, argumentos e textos

argumentativos. Para tanto, disponibilizamos uma série de pequenos textos publicitários que serviram como exercício de identificação e reconhecimento dos argumentos, tipos de argumentos e da tese. Esta atividade foi realizada em grupos de até três estudantes para que eles pudessem auxiliar uns aos outros no processo de construção do conhecimento.

A aula seguinte (N.05 da SD), teve como tema o podcast. Fizemos a conceituação do que é um podcast, quais são as principais plataformas de reprodução desse gênero, suas características e especificidades. Levamos para a aula uma caixa de som onde reproduzimos um episódio que um dos podcasts mais citados pelos/as alunos/alunas no formulário que responderam anteriormente, a saber: PodDelas, Poccast, Mano a Mano e Flow, para que dessa forma, aqueles que ainda não tivessem ouvido, pudessem perceber as características do gênero, a sua finalidade e circulação. Nesta aula, trabalhamos a habilidade EF69LP29, cujo objetivo é apropriar-se dos aspectos relativos ao gênero podcast.

Esta aula foi bastante dinâmica e proveitosa, pois os/as alunos/as reconheceram os seus podcasters preferidos, os assuntos em evidência e o formato desses podcasts (se eram entrevistas, informativo, jornalístico, monólogos ou bate-papo). Neste momento conversamos sobre o formato do podcast a ser produzido pelos discentes, quais equipamentos precisaríamos dispor, o local de gravação, e a função que cada aluno/a teria para a materialização da proposta. Os/as alunos/as mais aptos/as com as ferramentas tecnológicas se apressaram em atribuir funções de criação de arte de capa, limpeza de ruído e edição das mídias, enquanto outros, ficaram responsáveis por pesquisar a temática trabalhada para a produção do podcast.

A aula seguinte foi bastante movimentada. O momento de produção deixou os/as estudantes entusiasmados/as e foi necessário que a gravação ocorresse em dois dias. Optamos por levar separadamente cada grupo à sala de mídia da escola, devido a intercorrência de ruídos constantes durante a tentativa de gravação na sala de aula. Percebemos que esta fase não foi muito bem vista pela equipe de coordenação/ gestão da escola, uma vez que os grupos, de no máximo 9 alunos, tinham que ficar sem a supervisão, apesar de todas as orientações prévias conversadas em sala de aula e com os equipamentos digitais da pesquisadora que não pode acompanhar as gravações devido os/as outros/as alunos/alunas não poderem ficar sozinhos/as na sala de aula.

Apesar dos obstáculos encontrados no decorrer da realização da pesquisa, dentre eles, período de fortes chuvas, greve dos/das professores/as, projeto de preservação do patrimônio público, projeto do dia das mães, projeto junino e antecipação do recesso escolar, entre outros, o material foi produzido com empenho pelos/as estudantes. Observamos que o fato de não ter um/a professor/a direcionando o momento da gravação resultou em alguns benefícios como autonomia e a interação mais descontraída entre eles/elas, o que possibilitou a participação até mesmo dos/ das estudantes mais tímidos(as).

Após a gravação, alguns/algumas alunos/as de cada equipe ficaram responsáveis por fazer edições no material e entregá-lo pronto para ser alocado na plataforma. Em consenso com os/ as estudantes optamos pela plataforma Anchor, por ser a mais fácil de trabalhar.

Depois de todo esse processo concluído, os quatro episódios do podcast que foi nomeado pelos/pelas alunas/alunos de “Fala, Jovem!” estava pronto para ser apreciado. O momento foi a mistura de descontração e ansiedade em ouvir a sua própria voz. Com a permissão dos participantes, “podcasters”, como fizeram questão de ser chamados, divulgamos o trabalho nas outras turmas para que eles/elas pudessem ouvir a produção dos/as colegas, isso gerou comentários por parte dos/as ouvintes e acabamos voltando de forma cíclica ao tema proposto, pois foi possível observarmos alguns discursos elogiosos, divergentes, convergentes e até ofensivos a alguns grupos. Sendo possível aos/as participantes vivenciar na prática tudo o que foi mostrado na teoria e refletir sobre o comportamento deles/as nas redes sociais e a forma como isso afeta a vida de quem é alvo dos “comentários”

Passado o momento de euforia e repercussão do material produzido, voltamos a levá-lo para a sala de aula para que os/ as alunos/as pudessem refletir sobre os argumentos que utilizaram para defender o seu ponto de vista e se esses argumentos reproduziam ou não, algum tipo de preconceito presente na nossa sociedade. Apesar da ocorrência de alguns discursos com carga preconceituosa, os/as estudantes justificaram que não era a intenção contribuir para a disseminação de falas desse tipo.

Terminamos a nossa SD com um terceiro formulário, no qual solicitamos aos/as discentes que relatassem as suas impressões acerca do trabalho realizado, quais foram os pontos de atenção, os que foram mais interessantes e o que eles/elas aprenderam ao decorrer do processo. Como resposta a esse formulário,

tivemos relatos interessantes em que a maior parte dos/das alunos/ alunas afirmaram ter gostado de aprender a fazer um podcast, elegeram a aula mais difícil a aula de produção de texto escrita e o momento de análise dos sentidos produzidos nos podcasts.

4.3 Análise dos dados de linguagem

Como dissemos, buscamos investigar as estratégias do discurso argumentativo sobre a cultura do cancelamento e desenvolver a argumentação por meio da produção e análise de textos orais produzido pelos/as alunos/as por meio do gênero podcast em turmas do nono ano do Ensino Fundamental. Para alcançar esses objetivos, discutimos temáticas sociais contemporâneas inerentes ao cotidiano dos/das discentes e analisamos como os sentidos são construídos e (re)construídos em textos do gênero podcast.

Começaremos nossa análise a partir da transcrição do primeiro podcast que chamaremos de Podcast 1 que trata da Cultura do Cancelamento e foi realizado em junho de 2022, de modo presencial.

Ao iniciar a aula, a euforia dos grupos era evidente: todos/as queriam saber qual seria a ordem de gravação das equipes, alguns, por terem gostado bastante da ideia de gravar um podcast, de expressar a sua opinião e ser ouvido por outras pessoas, os/as mais tímidos/as, também ansiavam o momento na expectativa de ficar por último e quem sabe, não conseguir gravar naquele dia.

As equipes foram organizadas pelos/as próprios/as estudantes, bem como a definição da função que cada um teria na realização da atividade, sem interferência da pesquisadora.

O primeiro grupo, selecionou três vozes femininas para a gravação e os demais integrantes ficaram responsáveis pela edição do material. A segunda equipe foi formada por meninos e meninas, mas selecionou três vozes masculinas para gravar e os demais trabalharam na edição da produção; o terceiro grupo, optou pelo formato “entrevista”, em que a aluna formulou algumas perguntas para fazer ao entrevistado, seu colega de equipe e turma. A quarta equipe, formada unicamente por meninos, não conseguiu fazer a gravação na sala de mídia como as demais, pois um dos participantes havia faltado e pediram para realizar a gravação em casa e levá-la pronta para a escola posteriormente.

Os/as alunos/as da equipe 1 foram encaminhados para realizar as gravações, sim, gravações no plural, pois foram muitas! Alguns/algumas deles/as estavam nervosos/as e cada vez que diziam algo que posteriormente se arrependiam, pediam para parar a gravação e refazê-la, seja por ter gaguejado, cometido algum desvio linguístico ou mesmo por perceber que a linha de pensamento do/a colega era mais coerente do que a dele/a em sua própria concepção.

Usamos duas aulas para a gravação dos podcasts e as edições foram feitas pelos/as próprios/as alunos/as, primeiramente com o computador da pesquisadora, depois utilizaram os aparelhos celulares deles e aplicativos que eles dominam melhor do que esta professora pesquisadora que escreve este trabalho.

Passado o nervosismo pela gravação, iniciou-se a ansiedade pela audição e circulação desses podcasts no ambiente escolar. Os áudios foram alocados na plataforma Anchor¹ e lá permaneceram por 3 semanas. Tempo em que foi divulgado, ouvido e repercutido por estudantes e professores acerca da desenvoltura comunicativa, o domínio dos equipamentos e aplicativos digitais, e considerações acerca das concepções e pontos de vista que ficaram evidenciados nas falas dos/das estudantes.

4.4 Podcast 1

O primeiro grupo, composto exclusivamente por meninas, elegeu 3 vozes para gravar o episódio, que após a edição, ficou com quase 7 minutos. Essa equipe foi a que mais demorou na sala de mídia, pois as alunas estavam nervosas e reiniciaram várias vezes a gravação.

Para realizar a transcrição dos podcasts, tomamos por base as normas de transcrição propostas por Marcuschi (2003). Além disso, em todos os podcasts utilizaremos a letra “E” para representar os/as enunciadore/as, seguida pelo número que representa a ordem em que falaram pela primeira vez

E1: Então... estamos aqui hoje com os alunos desse colégio e:: estamos aqui pra falar sobre um tema que:: atualmente vem fazendo parte do nosso cotidia::no né::...

¹ O termo denomina uma plataforma de hospedagem de Podcasts, em que é possível gravar, editar e publicar os arquivos de áudio. O aplicativo pode ser baixado, gratuitamente, nas lojas “Play Store” e “Apple Store”.

como a gente pode ver que é a:: cultura do cancelamento... então eu queria perguntar a:: aluna aqui... desse colégio é:: o que é que você acha sobre:: cultura do cancelamento... que é que você entende?...

E2: Bom...NA:: Minha opinião assim, a cultura do cancelamento pode ter sim suas boas intenções por trás das cortinas, porque todo mundo te::m essa... chance DE:: SE POSIcionar, de falar o que pensa... em anonimato

[

E1: é verdade

E2: e:: é uma coisa que a gente vem vendo um::ito nos últimos dias... E:: o que acontece? Todos nós somos humanos né...

[

E1: com certeza

E2: Todos nós erramos e:: nós sabemos que quando você cancela uma pessoa você afasta ela dessa chance de reparação desse erro... e:: É BASIcamente i::sso a gente sabe que nã:: não é assim que funciona na vida real... já pensou você cancelar um amigo ou um parente toda vez que ele falar algo que não vai com a sua opinião

E1: é... isso é verdade...

E2: é::

E1: e também... isso também contribui pra distribuição de ódio, né... pelas pessoas...

E2: é:: Psicólogos afirmam isso... realmente...

[

E1: isso daí, isso mesmo, isso faz um::ito efeito assim... PRA:: pessoa que é cancelada... MA::s e:: você conhece algum caso assim recente...

[

E2: sim...

E1: ... que:: lhe chamou atenção sobre isso...

E2: Bom... O:: CAso mais recente que:: EU CREIo que seja muito famoso é:: o da Carol com K... no Big Brother...

E1: Ah... com certeza... Esse aí...muitos conhecem ...

E2: ela era muito... ela::

[

E3: todos conhecem... menos eu...

E2: cancelava as pessoas... antes dela entrar no Big Brother como... a ge::nte podia acompanhar:: ela era muito... uma pessoa assim com...

E1: E::ra... era uma pessoa de boa, né?

E2: INFLUENcer... e::la ajudava as mulheres negras...

E1: é::

E2: essa questão do preconceito... aí:: depois que ela entrou lá... a intolerância foi com todo mundo...

[

E1: exato...

E2: tendo que 99, 17% do::s... de rejeição...

E1: aliá::s a maior votação até hoje né... do Big Brother...

E2: A: a maior rejeição... é... como falou naquela revista lá Inova... que os canceladores também podem ser cancelados

E1: com certeza...

E2: EXATAMENTE... já imaginou se tivesse uma câmera nos vigiando 24 horas por dia... vocês também não seriam cancelados...

[

E1: queria ver como seria... si::m... muito... pois é::...

E3: Pessoas que:: são canceladas mas o pessoal... se:: não existisse o cancelamento... nesse caso as pessoas que deveriam ser canceladas não vão ser canceladas e:: continuam com os mesmos benefícios entendeu...

E2: exatamente... é como...

[

E3: por isso que eu acho que o cancelamento deveria... deveria... DEve existir... por um lado...

E2: é:: como todos nós acompanhamos nas redes nas mídias... muitos limites sendo ultrapassados com a oportunidade de se posicionar como eu já falei por trás das telas sem você saber e a gente erra... a gente:: sempre vai errar e tá sendo usado muito assim o anonimato sem moderação...

[

E1: É::

E2: as pessoas não pensam....

E1: é:: e... também porque a internet ainda é uma terra sem lei... Tem gente que faz aquilo ali só pensando no mal da pessoa que tá sendo cancelada.

E3: às vezes... às vezes eu penso assim também... que:: na maioria das vezes não é nem por o mal... mas porque as vezes ela vê a opinião dela e:: acha que é a única certa... mas depois se ela for parar para rever todas as ações e o que aquilo pode causar na pessoa que tá sendo cancelada eu acho que ela... eu acho que ela pode se sentir um pouco mal ou às vezes não também né... Nunca se sabe...

[

E2: é:: é como vários psicólogos afirmam... que:: traz muitas consequências... depressão ansiedade sentimentos de solidão e de fracasso...

E3: exatamente...

E2: da incapacidade de realização de sonhos... () perca de seguidores... carinho dos fãs...

[

E3: e por outra parte também... o cancelamento se torna um pouco chato porque tem gente que não repara no que tá falando e:: isso acaba afetando muito a pessoa que tá sendo cancelada...

E1: pronto, você pode até mesmo pegar por exemplo aquela cantora... Luiza Sonza

[

E2: sim...

E1: porque as pessoas... ela ficou num estado que ela disse que não aguentava nem pegar num celular... por

conta que:: em todo local em que ela entrava em rede asSIM... ela era ATACAda linchada fizeram meme... fizeram tudo de ruim com ela e:: aquilo afetou o psicológico dela... isso tudo por conta desses motivos que a gente sabe por conta do... de:: das pessoas que ela escolheu pra fiCAR ai o pessoal ficou contra por conta que ela é:: uma pessoa pública... ai atacou ela... tanto até que:: o vídeo que ela postou com essa pessoa... que ela estava atualmente foi um dos vídeos com mais desLIKES do Brasil...

E2: a cultura do cancelamento não tem freio e:: a gente tem que... RECONHEcer que ninguém é perfeito...

E1: exatamente...

E3: todo mundo erra e:: é uma coisa comum... mas como eles são figuras pública::s com alta visibilidade... as pessoas acham que têm o poDER de mandar ou... DESMANDar nas pessoas....

E1: exato...

E2: é... uma exposição extrema e:: isso só abre mais chance pro erro com milhões de pessoas observando e julgando qualquer deslize pode ser interpretado errado... ter opiniões e posicionamentos é uma coisa, agora, retaliação é outra toTALMENTE diferente...

[

E1 e 3: exatamente...

E3: e:: fazendo com que a pessoa não tenha tipo... NEM:: CABEça nem pra trabalhar porque é uma coisa que afeta muito o psicológico e na maioria das vezes, não consegue nem exerCER a sua profissão a ponto de:: isso ser um bem pra vc... mas você não consegue fazer por conta de opiniões que tipo...vem sem parar...

E1: agora como eu citei... citei anteriormente... desse caso que eu acho contra a cultura do cancelamento da cantora tem um caso que eu acho já a favor que foi o caso daquele dj lá... o dj Ivis, vocês conhecem... que:: ele agrediu a esposa dele de forma coVARDE, brutal, e ai eu entendo ele ter sido cancelado...

E3: Si::m... ali sim ali eu acho que... assim...foi bom ele ter sido cancelado, porque se não tivesse o cancelamento, obviamente teria sido mais um pano passado pra um cara que bate na mulher...

[

E1: e:: ia continuar mais ainda...

E3 e poderia continuar... chegar a ponto de...

[

E2: a cultura do cancelamento ajudou bastante

E1: verdade...

E2: porque coisas que você via ele cantando, um ótimo profissional, você nunca imaginaria que ele ia chegar em casa e agredir a mulher daquela maneira...

E1: e no auGE, né... ele tava no auge... no auge da fama...

E2: no auge da faMA... é aquela expressão... quando a fama sobe à cabeça...

[

E3: exatamente...

E2: morreu a pessoa...

E1: ei, vei, é verdade... a pessoa esquece as origens né... que trouxe ela até ali...

E3: esquece a humildade que tinha dentro dela pras outras pessoas...

E1: isso é verdade...

E3: uma coisa também que eu coloquei aqui foi... sobre o cuidado com a internet quanto as crianças...

[

E1: isSO...

E3: porque TEM MUITas crianças que estão na internet... não diretamente... mas ela tá nas mídias e acaba que:: por uma ação tipo... de:: liberdade dos pais as crianças acabam sendo canceladas pelas pessoas... isso se torna uma coisa... não sei se chata mas que isso afeta o psicológico da criança MU::ito mais que um adulto e:: já crescem com um trauma e tipo isso afeta muito o psicológico da criança... ela acaba não querendo::do na maioria das vezes... não querendo comer... não querendo... brincar não querendo socializar...

[

E1: não querendo ir pra esCOLA...

E3: uma coisa que é necessária pra... a:: o crescimento da criança que é socializar com outras crianças e ela acaba pegando um pouco de TRAUMA disso por conta de:: comentários que... ela não merecia receber...

E1: e o que é preocupante também pra mim é... que:: tem crianças que soFREM isso e:: não compartilham com os pais... sofrem dessa forma calada... isso pode se agravar... gerar dePRESSÃO e quem sabe... até um suicídio... né... como a gente pode ver muitas coisas acontecendo no Brasil...

E3: sim... isso acontece mu::ito e... geralmente a primeira coisa que a criança pensa é:: ficar caLADA e guardar pra si quando MOStrar em ser forte... mas na maioria das vezes, isso não funciona muito porque a criança acaba se sentindo sozinha e:: piorando a situação dentro de si...

[

E2: quando a criança é:: assim... muito fechada ela tende a crescer e ser um adulto mais reservado e:: a:: ter... depressão... muita cobrança sobre si inclusive...

E1: exato... pressão... responsabilidade ainda cedo...

[

E2: responsabilidade exatamente... que acaba forçando uma maturidade antes da idade correta...

E3: si::m... acontece muito...

E1: infelizmente é:: a:: a realidade mas então agora que a gente já sabe de tudo isso... é:: dessas coisas...

[

E3: já debatemos um pouco...

E1: eu queria saber... E2... se:: você... qual é a sua tese explícita...

E2: eu tenho, digamos que...um exemplo de tese dupla... o que:: é que... como é que funciona na minha cabeça...

a cultura do cancelamento... sim:: é errada porque temos vários pontos que abaLAM o psicológico e... todos nós erramos e DEVERia ter... essa segunda chance de:: se reordenar que... não é porque você é uma figura pública que a sua opinião pessoal tem que ser exposta a essa maneira... mas também tem o lado que... eu diria que eu sou a favor... porque é:: certos famosos quando atinge a fama entram num ápice de poder e prestígio e serve... de muitos aspectos né... e:: serve como digamos... que um freio pra:: por um ponto final...

E1: isso é verdade...

E2: pra acabar com:: o devido assunto que:: não é certo...

[

E1: eu particularmente concordo com ela... porque de certa forma funciona porque:: se não fosse esse negócio do cancelamento... talvez podia agravar mais ainda um problema que tava no qual... ocorrendo ali e aquela pessoa foi cancelada... aí... tipo...se... vamos supor...

[

E2: se:: não tivesse o cancelamento... a pessoa continuaria... piorando a situação

E1: exat... isso é que é o ponto crítico mas também tem a questão lá que:: a gente falou que... pode afetar o psicológico, mas eu ainda sigo... é:: dizendo aqui constatando que... pra mim é uma forma exageRADA de resolver as coisas... pra mim é desse jeito...

E2: temos esse lado positivo... mas o lado negativo...

E3: se você tipo... se não tivesse o cancelamento a pessoa que deveria ser cancelada vai continuar com o mesmo erros e hábitos que não seriam certo... mas... já que tem o cancelamento as pesSOAS que estão cancelando que não tem o CONTROle de si em tá:: agredindo verBALmente o cancelado... então... sempre tem os dois lados que não tem limites... se você não tem limite... a agressão ou...

[

E1: ou então... por exemplo a linchação... né:: ela vai se agravar cada vez mais...

E3: continua...

E2: uma retaliação imensa...

E1: exatamente isso que é muito crítico assim... nesse ponto...

E2: é:: e ficamos por aqui com essa reflexão... antes de bisbilHOTAR a vida dos outros e ter uma RESPONSABILidade dessas nas costas tem que entender a altura da disseminação na internet tão rápido esse tipo de informação é espalhada nas redes... um comentário pequeno pode ter um resultado giganTESCO... é:: tão importante pensar... até onde vai essa punição do cancelamento... até onde prejudicar uma pessoa ou empresa por uma opinião pessoal vai nos satisfazer... por que não educar ao invés de cancelar... e o porquê...mas devemos pensar... será que a cultura do cancelamento não existisse e não fossemos tão dependentes das redes e se soubesse respeitar a opinião do próximo?

[

E1: isso é verdade... isso eu concordo... então aqui cabe a vocês a entender o seguinte... se vocês vão entrar nesse mundo de:: numa vida virtual de rede social você entre já sabendo que é uma terra sem lei... uma terra que:: você tem que tá disposto a pagar as consequências e que você pode também sofrer muito...

E3: sabendo que... qualquer movimento seu praticamente um MUNdo inteiro vai tá ligado na sua ação e na sua consequência... então tudo o que você faz você tem que ter CAUTEla porque:: qualquer mínimo detalhe que você fizer sempre vai ter pessoas lhe observando pra colocar o seu...()

E2: tem pessoas julgando e observando e:: qualquer deslize é errado...

E1: qualquer deslize já caEM em cima de você... independente de antes você ter feito uma boa ação... ele::s querem saber que:: o ruim...

E1: então é isso pessoal... vamos ficando por aqui e:: agradecemos os alunos que participaram...

Analisando o **Podcast 1** a partir da teoria da argumentação e do conceito de escritorialidade da Análise do Discurso, podemos perceber que os/as alunos/as, como já dissemos anteriormente, ficaram motivados/as em discutir a temática sobre a cultura do cancelamento. Inicialmente, significaram a cultura do cancelamento como uma forma de “opinião” de “se posicionar”, mas, ao mesmo tempo, destacaram que há consequências na vida do/a cancelado/a e que deveria existir responsabilidade daquele sujeito que faz o cancelamento.

Analisando o discurso que se materializou no podcast, podemos observar que ele se movimenta a partir de dois pressupostos: 1) a cultura do cancelamento tem má intenção; 2) a cultura do cancelamento “pode ter boas intenções por trás das cortinas”. Esse movimento do discurso revela interpretações divergentes entre os/as estudantes e isso é interessante porque podemos acompanhar o movimento de convencimento e da adesão aos argumentos a partir de algumas pistas materializadas nos discursos e na interação entre eles/elas.

Para a Análise do Discurso, o sujeito é sempre constituído pela linguagem, pela história e pela ideologia. Assim, sua subjetividade é marcada por uma época, ou seja, ele diz, se pensando livre, mas precisa se submeter as práticas da conjuntura histórica que possibilitou sua existência.

A partir do recorte discursivo em análise, podemos dizer que o sujeito é uma posição entre outras posições político-ideológicas, pois “não há discurso sem sujeito.

E não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 1999, 47). Ou seja, na materialidade do discurso podemos observar que os/as alunos/as também se referem ao cancelado/a e ao sujeito que cancela.

Vejamos como se produz tais sentidos: de um lado, o/a sujeito que cancela é significado pelos/as alunos/as, primeiramente, como aquele sujeito que “opina”, se “posiciona”, mas faz isso às escondidas, ou seja, no “anonimato”. Por outro lado, o sujeito cancelado/a é o que sofre os efeitos “morte”, dano “psicológico”.

Ao identificarem dois sujeitos (o que cancela e o cancelado) os/as alunos/as revelam o contraditório. Mostram que os sujeitos não são homogêneos, pois suas práticas argumentativas e significantes são distintas. A prática da cultura do cancelamento é explicada como “julgamento” de “erros”, ou condenação das pessoas. Os/as alunos/as notaram que essa prática deriva para o discurso do “ódio” e “intolerância” com consequências fortes para o/a cancelado/a.

O movimento da interpretação dos/as estudantes leva-os/as a pensar sobre as redes sociais (virtuais) e compará-las com o que eles/elas chamam de “vida real” (cancelar um amigo, um familiar). Fazer essa comparação é significativa para produzir o efeito de sentido negativo da cultura do cancelamento.

No decorrer do podcast, os/as alunos/as retomam a memória e trazem exemplos de cancelamento realizados com pessoas famosas: Carol com K (no Big Brother), Luiza Sonza, e do DJ Ivis. Interessante que são exemplos bem opostos. Sobre a Carol com K e Luiza Sonza, percebemos, no encadeamento discursivo, uma identificação e solidariedade. Esse efeito de sentido é sustentado pelas questões que significam a mulher na sociedade patriarcal, machista, misógina e racista e faz pender o sentido da cultura do cancelamento como algum ruim. Já quando se refere ao DJ Ivis, o argumento ganha outra direção e vai para o lado “positivo” que seria uma forma de “condenação” da prática de violência praticada pelo artista sobre sua esposa.

Compreendemos até aqui que os/as alunos/as jogam com os argumentos, retomam memórias, fazem referência a discursos que sustentam suas tomadas de posição. A cultura do cancelamento, considerada “positiva” ou “negativa”, é um gesto de interpretação. No jogo da argumentação, eles afirmam dizendo “exatamente”, “é verdade”, “sim”, “exato”, “com certeza”, “eu concordo” e eles também contra argumentam dizendo “e por outra parte também”.

Segundo Orlandi (1999):

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade”. (ORLANDI, 1999, p. 47).

Como vimos, os sentidos balançam como um movimento de pêndulo. Mas, entendemos que há uma direção forte para pensar a cultura do cancelamento como algo negativo, não apenas nas redes sociais (virtuais), mas na vida real como eles/elas mesmos/as falaram. Nessa direção, os/as alunos/as repetem um dizer que circula muito na sociedade de que a “internet é terra sem lei/de ninguém”.

Nesse podcast os/as alunos/as chegaram à conclusão de que na rede há oportunidade e o direito de se posicionar, e isso deve ser garantido, mas fazem ressalvas que reivindicam “moderação”, “respeito” porque “ninguém é perfeito” e o cancelamento, na maioria das vezes, deriva para o ódio/linchamento. Nessa direção, destacam que “ter opiniões e posicionamentos é uma coisa, agora, retaliação é outra totalmente diferente”.

O encaminhamento da conclusão deste **Podcast 1** leva os/as alunos/as a sustentarem, ao mesmo tempo, o lado positivo e negativo da cultura do cancelamento, mas com ressalvas. Tal ressalva faz deslocar o discurso com uma possível solução muito significativa para a questão em debate: “por que não educar ao invés de cancelar...”. Essa pergunta/sugestão é importante, pois mostra a importância do processo educativo e desfaz a ilusão da naturalidade da cultura do cancelamento. Trata-se de um gesto de interpretação que mobiliza outros dizeres, outros sentidos e outros sujeitos.

4.5 Podcast 2

O **podcast 2** foi gravado por um grupo formado por alunos e alunas, mas apenas 3 meninos participaram da gravação, ficando para as meninas o trabalho de edição. É importante destacar que esta equipe não demorou muito para gravar e não fizeram muitas tentativas. Apenas uma gravação que posteriormente foi editada pelas colegas da equipe.

As gravações do podcast 1 e 2 aconteceram no mesmo dia, e ao contrário da equipe 1, os/as alunos/as da equipe 2, saíram para a sala de mídia sem levar cadernos ou material de anotações sobre as discussões que havíamos realizado sobre a Cultura do cancelamento.

E4: ESTAMOS aqui hoje no colégio X para: ENTREVISTar um aluno é:: com base em perguntar a e::le O QUE ACHA SObre a cultura do cancelamento né:: Que ve::m fazendo PARte do nosso cotidiano ultimamente, então... pra você... o que é a cultura do cancelamento e:: você é a favor ou contra deste ato...

E5: BO::M... EU SOu a favor e:: não é de hoje também e::: eu sou a favor porque::TA é::: uma for() é::: a... CULTUra do cancelamento é:: uma forma de PUnir as pessoas é:: da:: internet assim...

[
E4: que::: FÁzem coisas ruins... é:::...

-
E5: É:: que:: fazem... COIsas ruins e::: se não tivesse essa cultura ou cancelamento mermo é::: não...

[
E6: NÃO HAVERia punição...

E5: elas não iriam... é::: ser punidas... é::: ia ser passado pano por cima...

E4: EXAto...

[
E5: da:::s atitudes delas...

E6: Isso também é::: MUITO NECEssário porque... se não tivesse realmente as pessoas fariam é::: (...) sem fim coisas erradas... Então:: não teriam um limite para o erro delas... e::: não seria nunca parado essa ação...

E4: é::: só que assim mano... PRA MIM... cultura do cancelamento... ela é meio que EXAGERada... Tipo:: tô ligado que vocês falaram ai que::: tem::: esse lance de... da::: pessoa se:::r punida por algo ruim que fez... MAS A MINHA QUESTão ta:: justamente nisso... NA PUNIção... porque:: tem pessoas que são punidas e::: isso vei, afeta muito a vida dessas pessoas... vocês não tem noção...

[
E6: .EXATAMENTE...

E4: te::m muita gent...e ai:: que fica em depressão... é::: não consegue mais...é::: SOCIALizar né isso... Então assim... VOCÊ MESmo SABENdo disso... você continua sendo a favor, de:::ssas coisas...

[
E5: Não... Mas... você sabe que a internet é uma forma de julgar... se::: a pessoa fizer algo errado ali... já era e:::

[
E4: é::

[
E5: e:: NÃO TEM COmo apagar... então se ela... quando ela for perceber é:: o erro... já era... todo mundo já ta sabendo e::

[
E6: sim...

E5: e:: o povo sabe como é JULGAR SEM SAber... já era a pessoa vai...

E6: Tem muito essas duas bases do:: POR QUE SER CANCELado e por que não deveria ter o cancelamento... Por um lado tem que ter porque:: senão... vai ter coisa sem limite... sem fim e as pessoas ERRANdo e mesmo assim e::la vai ter os... os mesmos benefícios... e::la vai ter a mesma mídia e:: isso nunca vai parar, mas por outro lado também QUANDO A PESSOA É CANCELada, ela recebe muitas críticas é:: críticas que também não têm fim... gente de todo lado, todo canto que a pessoa olhar... ela nunca vai se sentir bem porque:: sempre vai tá vindo crítica referente a:: uma coisa que ela normalmente já gostaria de ter consertado, mas que ninguém dá brecha pra ela:: é:: consertar o erro, nem "pidir", pedir desculpas pelo o que ela fez...

E4: MAS SÓ QUE ASSIM, EU CONCORdo com o que vocês dois disseram... só que eu ainda... ainda sou a favor daquela velha opinião que todo mundo merece uma segunda chance né::

[

E5: sim...

[

E4: e tipo... EU NÃO Acho que você deve pagar a vida toda por um erro que você fez ali momentaneamente... SI::M, ERROu? Tem que pagar pelo erro... tem que:: assumir as consequências... mas sempre assim? O cara deixar de viver por conta disso?...

E6: A PESSOA QUANdo ela... o famoso no caso... quando ele é cancelado, ele:: não tem mais a chance dele... pedir desculpas ou ele consertar o erro dele porque:: as pessoas não dão tempo ou folego do famoso respirar... pensar em tudo o ele que fez e:: pedir desculpas pelos atos dele...

E5: tem vários exemplos também de:: famoso que:::: foram cancelados, não tanto... MAS TENTam se redimir e:::: ainda tão tendo a vida boa... tipo... não tão sendo tão cancelado até hoje...

[
 E4: verdade... ele... é tem esse lance mesmo né::? É:: mas então... tem muitos casos aí que não conseguem me:: convencer de que a cultura do cancelamento é muito boa... PRONTO... POSSO pegar um exemplo aqui de muitos famosos... de um... de uma famosa... por exemplo, que ela::::... eu nem quero citar nomes... pra não criar problemas.. MAS ELA CHEGou a comentar que:::: um mendigo ele:: tava usando roupa inadequada e:: que ele era indigente... tipo é um palavra informal, ma::s ela qui::s dizer que ele:: não é uma pessoa igual a ela... tá ligado...

[
 E6: uma pessoa comum...

E4: exato... e:: ASSIM.... após ela ter falado isso... e::la foi totalmente atacada... quase todo mundo caiu em cima dela... ela tinha:: se eu não me engano... era 2 milhões de seguidores... ela tava quase pegando 3, ela voltou pra os 2 mil... 2 mil, cara... VOCÊ NÃO TEM Noção... 2 mil... eu não consigo nem fazer o calculo aqui, então assim... eu acho que a cultura do cancelamento... e::la tem esse lado negativo dela... velho... e:: você acha certo então uma pessoa ser cancelada e:: pagar, tipo... a:: vida toda por conta disso... Perder tudo o que conquistou...

E5: Mas você também acha certo e::la fazer isso com... uma pessoa que mora na rua...

E4: Não... ma::no tipo... não é...

E6: exatamente... tem os dois ângulos da situação é::: ela... de certa forma, só pagou pelo que ela fez com alguém que não merecia o comentário dela... sabe... Eu acho que:: a pessoa não pediu pra ter o comentário dela e:: certamente... a pessoa que:: ela comentou isso, obviamente não gostaria de estar na situação que ela estava...

[
 E4: é verdade...

[
 E6: Então... sempre tem aquela coisa da consequência... quando você faz uma coisa... você:: tem que tá preparado pra o que vai voltar...

E4: isso é fato... mas:: E AI... VOCÊ ACHA MESmo isso certo... O fato de você ser cancelado assim...

E5: EU ACHO... PORque:: se ela não quisesse ser cancelada... ela não falaria isso e também... ela não...

[
 E6: exatamente... DO MESMO MOdo que ela recebeu comentários negativos... é:: o comentário dela também foi negativo... e:: obviamente a pessoa também pode ter tido

um ABALO PSICOLÓGICO quanto ao comentário dela entendeu... A pessoa pode ter ficado com vergonha... pode ter... sei lá:: parado de fazer inúmeras coisas por conta de um único comentário... não foi justo tantos comentários assim com a famosa... mas que de certa forma... e::la também pagou pelo que ela fez... não foi justo assim por um todo... TANTO QUE ELA ESCUtou... mas... também não foi justo tudo o que fez com a outra pessoa...

E5: justamente... e:: você falou ai também qu:: () ele é:: talvez... ficou com vergonha e:: ele já fica meio assim de ser morador de rua e:: as pessoas já olham meio diferente e não deveria desmerecer ninguém considerando a sua vestimenta ou quanto as suas financeiras... independente é num:: num:: não a gente não tem direito de julgar ninguém antes de conhecer...

E6: é:: aquela coisa... as pessoas não gostam de:: estar nas situações que estão...

E4: e:: não fazem por onde não estar né::...

E6: Exatamente...

E4: é:: você tem razão...EU CONCORdo também e de fato, o que ela fez se ela não quisesse pagar o que ela está pagando ela teria pensado antes de agir

E6: exatamente... sempre uma ação tem uma reação... então:: a gente tem que fazer de acordo com aquilo que a gente quer receber...

E4: Nesse caso... EU DE FATO, CONCORdo... eu admito aqui que:: valeu a pena a:: cultura do cancelamento ter atuado dessa forma... ma::s tem vários e vários outros que:: a pessoa é cancelada e tipo... ELA PERde o que tinha... perde aquele equilíbrio emocional que:: tinha e... passa a sofrer bastante... como por exemplo:: aquela cantora né? Eu prefiro também nem citar nomes que ela... e::la simplesmente trocou é:: o:: atual dela por um outro cara... um outro parceiro... exatamente e o pessoal... PÚBLIco, não aceitou... justamente por ela ser uma pessoa pública... cara... lincharam ela...

[

E6: as pessoas acham que... te::m o poder de mandar só é:: porque tal famosa... ela é uma figura pública e isso é uma coisa que...

[

E4: ISSO AFETOU MUIto porque antes de ela ser:: uma pessoa pública... rica... ela é humana e:: cara... tem sentimentos...

E6: ela tem seus defeitos... seus sentimentos... e:: nem tudo a gente consegue é:: aguentar de acordo com o que as pessoas demandam...

E4: então o que você tem a me dizer sobre isso... VOCÊ ACHA QUE FOI JUSTO ela ter sido cancelada dessa forma...

E5: assim... cara... ela é:: mereceu entre aspas né:: é:: ter sido cancelada... mas também é porque ela... NESSE CASO AI TAMBÉM foi meio injusto porque:: ela foi muito, muito cancelada... nas ruas ela passava:: o povo ficava xingando e tal... e aí também causou depressão nela... ela ficou um::ito abalada... não queria sair de casa...

[

E4: pra você TER UMA NOÇÃO... é:: o Instagram dela foi até hakeado duas vezes por conta de pessoas que não queriam aceitar a realidade dela, entendeu... então assim... você concorda comigo... que:: dessa vez a cultura do cancelamento ela não foi justa... e::la não foi necessária...

E5: concordo... dessa vez eu tenho que concordar porque:: isso aí foi injusto porque... como eu falei ela teve depressão... é:: cancelou vários shows com a agenda lotada também e:: não queria postar nada... recebeu muita mensagem sendo atacada... ameaçada de morte...

[

E4: isso, isso...

E6: ela se desligou de tudo pra:: poder::... retomar a sua própria vida sem afetar muito o psicológico...

E4: é porque pra mim... A CULTURA do CANCELAMENTO é:: como se fosse um super poder dado a pessoas e se ele não for utilizado da maneira correta... isso vai gerar graves consequências e:: as pessoas hoje em dia... como estão em uma terra sem lei é:: teoricamente, elas estão usando esse super poder pra:: em quase tudo e às vezes é:: exageram muito e... antes elas tem que entender uma coisa... antes dessas pessoas serem famosas, serem pessoas públicas... Elas são HUMANAS... é:: elas também sentem o que aquelas pessoas sentem... por isso que eu acho errado essa forma da cultura do cancelamento e:: julgar uma pessoa desse jeito... CLARO que eu concordo com você também... que tem vez que é:: justo a pessoa ser cancelada por um vacilo né:: por uma coisa ruim que fez... aí é:: você então concorda comigo que nesse caso foi injusta né...

E5: sim... sim...

E6: é justamente aquela coisa né::... nossas palavras tem poderes né:: então... sempre antes de falar alguma coisa

é:: a gente tem que repensar o que tá falando porque pode afetar muito o psicológico das pessoas...

E4: EXAto... exatamente isso que eu tava tentando entrar em lógica... mas... então:: o que vocês acham sobre essas pessoas que comentam esse tipo de:: esse ato né:: contra as pessoas que comentam o erro... vocês acham isso certo que essas pessoas estão exagerando a maioria das vezes... o que vocês te () a dizer...

E5: Oh:: eu acho que na maioria das vezes elas exageram... ao mesmo tempo tá:: na razão... porque é:: tipo da comunidade já é:: todo mundo... já tem esse tipo de poder... tem a fala também... tem vez que o povo exagera:: e:: tem vez que não...

E6: e:: é:: por isso que... na maioria das vezes todas essas pessoas que tem muita mídia é:: muitos famosos eles têm que ter CUIDAdo ao que eles fazem... ao que eles postam é:: a todos os seus comentários... a todas as suas ações... porque sempre como eles estão em grande comunidade é:: sempre vai ter alguém pra notar CAda MÍnimo DETAlhe do que ele tá:: fazendo... então é:: tem que ter muito cuidado... eles estão muito diante de muitas pessoas e:: nada vai passar despercebido pelos olhos delas...

[
E4: E:: é:: QUERendo ou não... a internet é uma terra sem lei... então se você vai:: decidir que vai ficar exposto naquele localn é:: você tem que TÁ CIENte de que você vai ter que pagar pela suas consequências....

[
E6: você é:: tem que estar preparado...

E4: você tem que estar preparado pra:: o que vai vir ali e:: pensar antes de agir e:: é:: depois as consequências podem SER GRAves então... cabe a você ai:: que está:: nos escutando A PENsar também antes de fazer alguma coisa... tanto cancelar, quanto é:: fazer por onde não ser cancelado... enTÃO TOME CUIDado... pense é:: repense... porque:: pra depois não sofrer... futuramente uma:: consequência que você não queria pagar...

[
E6: toda atitude é Válida... positiva ou:: negativa...

No segundo, **podcast 2**, gravado pelos estudantes, nota-se que o diálogo se inicia com duas questões: o que é a cultura do cancelamento e se o entrevistado é a favor ou contra. Na sequência, E5 é bastante enfático no seu ponto de vista ao posicionar-se a favor da cultura do cancelamento e dizer que “não é de hoje”, ou seja, ressalta que se trata de um posicionamento aderido há algum tempo e

consolidado. O referido aluno argumenta que essa é “uma forma de punição da qual ele é a favor”.

Esses dizeres nos remete às considerações de Rocha e Elias José (2021, p. 40), ao explanarem que “cancelar não diz apenas sobre o verbo em si, mas sobre sentimentos que movem um desejo de ‘fazer justiça’ (...) mesmo que a dose do remédio moral seja desproporcional à dor que afligiu os outros”. Nesse sentido, a cultura do cancelamento aparece significada como “punição” necessária às pessoas que fazem coisas “erradas” / coisas “ruins”. Ou seja, a sociedade “não pode passar pano por cima”. Até esse momento, percebemos que o entrevistador E4 concorda com o entrevistado afirmando “Exato”, reforçando uma possível concordância e como se os sentidos fossem os mesmos.

No entanto, do decorrer do podcast 2 fica evidenciado que, assim como no podcast 1, existem entre os/as estudantes diferentes pontos de vista acerca da temática em questão, pois enquanto E5 e E6 concordam que o cancelamento é necessário para evitar que as pessoas façam coisas ruins na internet, E4 manifesta no discurso outra posição. Ou seja, o estudante se mostra divergente ao ponto de vista dos colegas e diz que a cultura do cancelamento é exagerada e que pode afetar negativamente a vida do cancelado e menciona os danos à saúde que podem ser desencadeados devido a essa forma de punição.

Assim como no podcast 1, é retomado, no fio do discurso, o argumento de que a internet é uma “terra sem lei”, referindo-se a um espaço onde as pessoas podem fazer o que quiserem e não haverá nenhum tipo de “punição”. Segundo Orlandi (2020, p.34),

é muito difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. (...) em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. (ORLANDI, 2020, p.34)

O que possibilita reafirmar, assim, que este é um discurso de Escritorialidade (“a internet não tem lei”) que se cristalizou no meio social e está sendo reproduzido, pelo Efeito rumor, repetidas vezes, pelos jovens que, interpelados pela ideologia, aderem a ele.

A discussão se sustenta com o pré-construído de que a internet é “uma forma de julgar”. Ou seja, aquilo que já apontamos como se a “internet fosse terra

sem lei". Esses discursos naturalizam determinadas práticas na internet, pois são repetidos e difundidos como uma verdade, mas se trata do efeito da ideologia no funcionamento da linguagem.

Mais à frete, o aluno utiliza como estratégia argumentativa o exemplo de cancelamento de uma artista que sofreu retaliação após falar sobre as vestimentas de um mendigo. Nesse tipo de argumento, o orador faz uso de fatos isolados ou de uma diversidade de ocorrência deles afim de ilustrar o que está sendo dito, ou seja, a comprovação da tese se dá por meio da apresentação de fatos e/ ou acontecimentos nos quais o interlocutor é provocado a lembrar-se para que o orador utilize como comprovação do seu ponto de vista.

O número de exemplos necessários dependerá em parte da representatividade deles... também dependerá em parte do tamanho do universo sobre o qual está sendo feita a generalização... A alegação de que a sua cidade tem inúmeras pessoas notáveis exige mais dados concretos do que a afirmação de que, digamos, os seus amigos são pessoas notáveis. (WESTON, 2009, p. 15)

No Tratado da Argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 401) defendem que,

o emprego da argumentação pelo exemplo, conquanto abertamente proclamado, tende muitas vezes a fazer-nos passar deste para uma conclusão igualmente particular, sem que seja enunciada nenhuma regra. É o que se chama de argumentação do particular ao particular.

Desse modo, compreende-se que o interlocutor passa a conceder credibilidade à argumentação do orador a partir dos exemplos por ele mencionados. Na análise em questão, o aluno cita a dimensão da perda do número de seguidores que a artista, certamente, não conseguirá recuperar.

Ao ser contra-argumentado, o aluno foi questionado se ele concordava com a fala da artista, o aluno foi levado a ter empatia pela pessoa vítima do comentário da artista. Observamos então o movimento de persuasão, realizado por E5 e E6 ao mostrarem que quem foi vítima do comentário já sofre por ser também vítima da sociedade e que, por isso, não merecia ouvir a ofensa.

Este gesto nos leva a perceber o funcionamento da ideologia e do inconsciente sobre o conceito e o senso de justiça que os jovens apresentam de acordo com as suas vivências na vida cotidiana. De acordo com Orlandi (2020, p.

44) essa “é a condição para a constituição sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o seu dizer”.

A adesão do movimento de persuasão de E5 fica evidenciada quando E4 diz concordar que, naquela situação, a cultura do cancelamento ocorreu de modo assertivo. Mas em seguida, novamente utilizando-se da estratégia argumentativa do exemplo, o aluno lembra o caso da cantora que, em suas palavras, “simplesmente trocou o atual dela por um outro cara”, apesar de o aluno desejar convencer sobre os prejuízos da cultura do cancelamento, ele já emite em sua fala um juízo de valor sobre a cantora e suas ações.

Ao dizer que ela “simplesmente trocou [o namorado/marido]”, o aluno reproduz um Discurso de Escritorialidade, que retoma dizeres de grande circulação nas mídias digitais, sobre uma suposta traição da artista para com o seu esposo, Whindersson Nunes. Apesar de a informação não ter sido confirmada por nenhum dos envolvidos, a notícia circulou numa proporção tamanha, que muitas pessoas passaram a acreditar que de fato houve a traição. A repetição do dizer produziu um “efeito de verdade” no discurso. Vemos então o processo de legitimação desse discurso acontecendo, como é descrito por Silveira (2015, p. 134 *apud* GALLO, 2016, p. 318) “É nesse sentido, uma das formas de escritorialidade formulada por Gallo (2008). Um deslocamento que vai do boca a boca para o rumor em circulação em uma mídia social de caráter muito mais massivo.”

Segundo Orlandi (2020, p. 65), “as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. Esse é o modo como a história se faz presente na língua”. Os dizeres da autora faz sentido em nossa análise quando observamos a fala de E5, que apesar de dar indícios de adesão ao argumento dizendo que “a cultura do cancelamento é meio injusta”, cita que “ela (a cantora) mereceu ter sido cancelada” conferindo mais uma vez um juízo de valor acerca do comportamento das mulheres, cuja postura e comportamentos ainda são julgados por uma sociedade historicamente patriarcal, machista, sexista e misógina.

E4 continua a sua argumentação mostrando que uma das redes sociais da cantora foi invadida por duas vezes, a adesão de E5 ao argumento de E4 acontece, fazendo-o inclusive citar que a artista teve depressão e sofreu ameaças de morte. Nesse ponto é como se a direção do sentido se movesse e E5 vai, através do diálogo, mudando de posição, ressignificando a questão.

No encerramento do podcast fica evidenciado que E5 e E6, fazem um movimento de aceitação dos argumentos citados por E4, embora, ainda não tenham sido completamente convencidos pelos mesmos.

4.6 Podcast 3

O **terceiro podcast** foi gravado no segundo dia destinado à atividade. A equipe optou pelo formato entrevista e apenas 2 discentes discutiram a temática: a entrevistadora, aluna que era a líder da turma e o entrevistado, aluno integrante da equipe e atuante no grêmio escolar.

Os/ as integrantes da equipe usaram a aula inteira para fazer a gravação que, pós-edição ficou com mais de 9 minutos de duração. A entrevistadora havia elaborado alguns apontamentos e questionamentos no caderno e utilizou as anotações durante a gravação.

E7: OLÁ, BOM dia!!! Estamos aqui para mais um episódio do nosso:: Podcast Fala Jovem e::..HOje nós vamos trazer um tema bastante atual que está ai é:: REPERCUTINdo muito nas redes sociais que é:: A CULTURa do cancelamento... O nosso entrevistado vai... nos contar o que:: ELE ACHA SOBRe:: esse assunto... e:: se ele conhece né:: Alguns casos de pessoas... de:: famosos que... FORAM CANCELados... e o motivo desse cancelamento...

E AI, JOvem:: o que você tem a:: a:: nos dizer a esse respeito?

E8: É:: como você falou né:: Esse termo cancelamento está na moda né::: EU ACREDItO que:: tem o seu lado positivo e:: também o seu lado negativo... É:: como positivo é:: eu diria que leva o ser... né:: é:: Leva à sociedade A UMA REFLEção diante de certas situações, né:: de... certas atitudes consideradas preconceituosas, porém o cancelamento é... propaga ai... a:: VIOLÊNcia o ódio né:: Às vezes tem aquelas pessoas que são extremas né:: OS EXTREMISTas. É, como ponto negativo também... eu:: poderia dizer que ele:: ele priva as pessoas de:: darem a sua opinião... As pessoas hoje e:: dia... ESTÃO SE PRIVANdo de dar a sua opinião a respeito de uma coisa ou:: situação por causa de gerar polêmica... principalmente as pessoas públicas né:: políticos ou:: ou... FAMOSos ficam privados... se:: se sentem privados de:: de darem a sua opinião com é:: medo de serem cancelados né:: Diante de certas atitudes... de certas polêmicas... digamos assim?

E7: Você acha isso ruim?

E8: ... (pausa) Eu acredito que... eu acho ruim né:: porque eu:: eu... essa privação é::: das pessoas te::terem esse receio é:: com medo de perder algo, de... PERDER Fama, seguidores como esses:: esses:: influencers...

E7: MAS VOCÊ:: NÃO ACHA QUE:: se eles é:: estão com medo de perder esses seguidores é porque aquele pensamento ou aquela fala dela tem alg... algo problemático?

E8: Sim, com certeza né... ACREDITO QUE SIM. É:: onde é:: a pessoa tem que auto se... se auto se policiar e auto se:: se:: é:: auto se policiar é.

E7: A gente lembra dos casos da Luiza Sonza, cantora, e do Dj Ivis né? Enquanto a Luiza Sonza até hoje, anos após a separação ...

[
E8: AINDA SOFRE né::? as consequências...
[

E7:... do Whindersson Nunes ainda sofre ataques de todos os tipos na internet né? Inclusive quando é a esposa do Whindersson na época perdeu o filhinho deles, muitas pessoas acusaram a Luiza por isso ter acontecido...

E8: Ai você veja a questão que eu falo dos extremistas né? Porque eles lançaram nota, né? Ambos... tanto Luiza Sonza como Whindersson Nunes DIZENDO que não foi alvo de traição né? Que estava tudo bem entre eles, mas os fãs, os:: "hackes"... é assim o nome?

E7: "Hatters"

[
E8: "Hatters" insistem em criar uma desavença ali ao ponto de derrubar a pessoa, colocando ela na geladeira...

E7: E ai a gente, "num" comparativo, a gente vê por outro lado o caso do Dj Ivis né? Quando aconteceu aquele episódio que ele bateu na esposa...

[
E8: Perdeu vários trabalhos não foi?

E7: Foi. Ele perdeu, mas no começo, assim que lançaram os vídeos e começou a repercutir, as redes sociais do cara "bombaram"!

E8: É ai onde não dá "pra" entender né:: O que é que o povo quer, o que é que o povo... É ESSA QUESTÃO dos extremistas enquanto é::: em alguns casos né? Era "pra" ele ser totalmente cancelado, mas ele foi ganhando mais seguidores e mais seguidores né?

E7: mais seguidores. É...

E8: Perdeu alguns trabalhos né? Mas as pessoas é:: ... é:: são... NÃO SEI acho que isso nem existe, mas elas são muito fomentas, digamos assim por essas é:: por essas coisas né? A pessoa é cancelada, mas por curiosidade eu vou começar a seguir aquela pessoa, vou dar mais mídia... porque foi muito grave o que aconteceu e teve provas e mesmo assim seguindo ai:: ai onde tá a questão que eu não entendo o cancelamento. Então assim, às vezes acontece também da pessoa seguir por não conhecer nem aquela figura pública... eu, por exemplo, eu não conhecia o Dj Ivis né:: só ouvia as músicas que ele tinha lançado aí com o:: Xande Avião, mas eu não... não conhecia e comecei a seguir ele pra descobrir, saber o que ia acontecer com ele através das redes sociais dele né:: NÃO APOIANDO O QUE ELE FEZ, mas para ficar por dentro da situação, ficar por dentro da história. Hoje em dia eu já não sigo mais ele, mas na época que aconteceu, eu imediatamente fui procurar quem era já “pra” “tá” por dentro do assunto, às vezes acontece isso também da pessoa não conhecer aquela determinada história, não conhecer o famoso e começar a seguir “pra” saber de mais informações também que o meu caso, por exemplo, eu não concordo com a violência, com a agressão, com o crime que ele cometeu, mas eu comecei a seguir “pra” saber quem era ele:: o que é:: que ele fazia e “tá” por dentro do assunto que rolava ali no momento.

E7: Então a gente viu aqui situações diferentes de artistas, pessoas públicas que foram canceladas. Em alguma delas, você acha que o cancelamento foi positivo?

E8: Sim... acho que nesses casos, como a Karol com K mesmo, assim que saiu se desculpou, né:: foi refletir sobre o assunto né e:: é:: hoje volta pra mídia com o pensamento totalmente diferente do que ela tinha, porém o último que a gente falou, do Dj Ivis né::... ELE ESTÁ SOFRENDO AS CONSEQUÊNCIAS na justiça, não sei como é que anda a situação, porque eu não acompanhei mais o caso, mas é:: é:: trouxe à tona a questão da violência doméstica, que é frequente e não acontece só com os anônimos, não é somente no mundo dos famosos, acontece... quantas mulheres, quantas pessoas anônimas não passam por isso?

E7: E no caso da Luiza?

E8: No caso da Luiza, né? Que aconteceu e ficou bem claro que ambos dizem que não teve traição nem nada, mas ela ainda continua sendo cancelada, sofrendo esses ataques, aí eu vejo logo também, que ela sofre esses

ataques também, VOCÊ VEJA QUE ELA SOFRE também principalmente na maioria de mulheres. Criticam a postura dela, como artista, as vestimentas, como ela se veste, como ela se comporta, então é:: é::...na verdade não dá pra entender né... Por que tem essa questão do *emponderamento* que a mulher tem que ser isso, ser aquilo, e quando a mulher é:: é:: o que ela quer ser, é cancelada pelas próprias mulheres...

E7: Então ela merece o cancelamento porque não traiu o marido, mas e se ela tivesse? Se ela realmente tivesse traído o marido dela, ela merecia o cancelamento?

E8: Então vai depender ai né::... eu acho que ai é uma vida particular dos dois, porém são figuras públicas né... E quando você é figura pública, "tá" na "boca do povo" então cada um vai ter a sua opinião sobre aquilo.

E7: A sua?

E8: A minha opinião?

E7: Sim.

[

E8: Sobre isso?

E7: Sim.

E8: (Silêncio)

E8: Bom, a minha opinião, se ela realmente tivesse traído ele, né:: eu acho que ela deveria é:: na verdade eu não sei (risos) é::... se eu disser a minha opinião, eu vou ser cancelado, então...melhor ficar calado...

E7: Mas porque você seria cancelado?

E8: Porque o povo às vezes não aceita a opinião da pessoa né? Então, eu acho que assim, se ela traiu ele, claro que é pra eles resolverem, mas que não deve... eu como fã, EU NÃO SOU FÃ DELA, mas como fã, eu permaneceria seguindo ela e gostando do:: do trabalho dela.

E7: E sendo fã dele?

[

E8: Do marido dela?

E7: Sim.

E8: Mas eu não sou...

E7: Mas se você fosse fã dele, qual seria a postura? Porque muitos dos fãs dele tem certeza que teve traição...

E8: Se ele que sofreu a traição tava de boa porque eu ia criticar:: eu acho que nesse sentido ai, ela sofreu e sofre ataques injustamente, né:: as pessoas levaram já por um outro lado, um lado que não tem nada a ver com a história, tomando as dores deles que já se resolveram e::... espalhando ódio, na verdade né?

E7: É, às vezes não tem nada a ver com a pessoa, ou enfim, a pessoa já se desculpou, já se desculpou, já não tem mais nada a ver e as pessoas ficam buscando aquilo como forma de:: de tá ali na rede, sempre incentivando o ódio...

QUERO AGRADEcer a sua participação no nosso bate-papo!

[
E8: Eu que agradeço.

O gesto de análise do **podcast 3** possibilita observarmos que os/as estudantes iniciam a gravação de forma diferente dos podcasts 1 e 2, pois E7 começa a entrevista saudando o entrevistado, utilizando inclusive, o termo “jovem” fazendo referência ao colega e também ao nome do podcast. E7, que conduz de modo provocativo, o diálogo, e apresenta o tema enfatizando a atualidade e importância da problemática que será discutida. Esse discurso consiste em uma estratégia argumentativa que visa instigar os/as interlocutoras/es a ouvirem o que ele tem a dizer e, ainda, fazê-lo de modo atencioso, uma vez que um possível deslizamento de sentido desse discurso é de que o tópico em questão requer esse cuidado. A partir de então, E7 informa que o entrevistado do “**Podcast, Fala Jovem!**” expressará a sua opinião a respeito do assunto e, ainda, dirá se conhece algum caso semelhante e quais são as “motivações”.

E8, o entrevistado, começa a sua fala indo além da afirmação do E7 que ressalta a atualidade do tema: para o entrevistado, o vocábulo está na “moda”. O uso dessa expressão por si só pode provocar vários efeitos de sentido. Desse modo, podemos pontuar que um dos movimentos de sentido que seria possível consiste em considerar que o emprego do termo está “banalizado” em nossa sociedade, ou seja, sua utilização faz parte de um discurso notadamente comum em nosso meio, nos dias atuais, e que até mesmo esse dizer já é reprodução e/ou resultado de outros dizeres que também circulam a todo momento, entre nós. Sobre isso, Orlandi (2020, p. 33) explica:

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade.

E ainda,

Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2020, p. 37).

Mais adiante na entrevista, E8 já apresenta sua opinião sobre a cultura de cancelamento: afirma que há pontos positivo e negativo nessa prática. Como fator positivo, ressalta que ela pode possibilitar que a sociedade reflita perante a algumas situações, das quais destaca os episódios de preconceito, o que poderíamos pensar como movimento de sentido novamente a reprodução de um discurso que se encontra dentro dos padrões do “politicamente correto” de nossa sociedade e, no que se refere à argumentação, configura-se como uma estratégia que visa a aceitação e convencimento do interlocutor de que a opinião do orador é a “correta” e a “justa” diante desse cenário. Nesse sentido, a argumentação desempenha uma função relevante, uma vez que, assim como pontua Weston (2009, p. XI), o ato de argumentar “significa apresentar um conjunto de razões ou provas que fundamentam uma conclusão” e, ainda que, “os argumentos são tentativas de fundamentar determinados pontos de vista com razões” (ibid., 2009, p. XI).

Para o autor,

O argumento é essencial, em primeiro lugar, porque é uma maneira de tentar descobrir quais pontos de vista são melhores que outros. Nem todos os pontos de vista são iguais. Algumas conclusões podem estar fundamentadas em boas razões; outras têm fundamentação bem mais frágil. (WESTON, 2009, p. XI-XII)

Dessa forma, o que podemos notar no discurso do aluno é a utilização de um argumento que é considerado, pelos órgãos públicos, políticos e sociais como incontestável que é a não admissão de uma atitude de preconceito, o que justificaria, segundo o discurso do aluno, o cancelamento de quem o instigasse/provocasse para que assim o infrator fosse punido de alguma forma.

Inferimos, assim, que, ao justificar o ato de cancelamento à forma de punir o outro por uma atitude inadmissível - ação preconceituosa, por exemplo - o aluno evoca um domínio de memória, que é discutido por Courtine ([1982] 2006, p. 15

apud INDURSKY, 2016, p. 66), o qual, nas palavras do autor, se trata de “um conjunto de práticas discursivas, produzidas em lugares heterogêneos da prática social e que circulam entre esses lugares”, demonstrando, desse modo, que esse é um discurso que é propagado em diferentes âmbitos da sociedade e que, assim – e possivelmente por isso - é considerado como uma verdade universal, o que daria consistência ao seu posicionamento perante à problemática abordada.

Em outro trecho da entrevista, E8 apresenta, entretanto, uma ressalva à opinião discutida inicialmente de que a cultura do cancelamento tem um lado positivo: para ele, essa prática em questão também possui um fator negativo, o qual consiste, segundo afirma, em acarretar uma espécie de “autocensura” do sujeito frente a situações e a atitudes de outras pessoas com as quais não concorda, por terem medo das consequências, sobretudo, a de cancelamento. Essa conclusão, contudo, não permanece sendo sustentada, uma vez que, o aluno é impossibilitado de apresentar argumentos que corroborassem para a sua validação, fator este que a torna vulnerável, haja vista que, segundo Weston (2009, p. XII),

Depois que chegamos a uma conclusão bem fundamentada em razões, o argumento a explica e a *defende*. Um bom argumento não se limita a repetir conclusões. Em verdade, ele oferece razões e provas para que outras pessoas possam formar suas opiniões por si mesmas.

Desse modo, notamos que, apesar da relevância da argumentação, que é ressaltada por Welton (2009), o aluno não tem a oportunidade de construí-la, já que E7 o interrompe e faz uma pergunta retórica que possibilita perceber que a sua afirmação é contraditória e não faz um sentido lógico e plausível, o que ocorre no momento em que o entrevistador lança a pergunta: “Mas você não acha que se eles é:: estão com medo de perder esse seguidores é:: porque aquele pensamento ou aquela fala dela tem alg... algo problemático?” (*corpus* do trabalho). A partir de então, notamos que o entrevistado é persuadido pela reflexão provocada por E7. A esse respeito, importa ressaltar que para que haja esse efeito retórico, é necessário, de acordo com Massmann (2021, p. 19), “que haja um equilíbrio entre os mecanismos de ordem racional e de ordem afetiva que compõem o discurso persuasivo”.

Ainda sobre esses mecanismos, a autora destaca a explicação de Reboul (2004):

os mecanismos de competência da razão são os argumentos. [...] São de dois tipos: os que se integram no raciocínio silogístico (entimema) e os que se fundamentam no exemplo. [...] Os meios que dizem respeito à afetividade são, por um lado, o *ethos*, o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção do auditório [...], e por outro o *páthos*, as tendências, os desejos, as emoções do auditório. (REBOUL, 2004, p. XII *apud* MASSMANN, 2021, p. 19)

Assim, ao observar o modo em que o discurso de E7 se constitui, é possível notar que o movimento de sentido que leva à persuasão é construído, sobretudo, pela lógica, pela razão de seus dizeres.

Ao longo do discurso de E8, ao ser questionado sobre ser favorável ou não aos casos de cancelamento que repercutiram de forma significativa na mídia, a exemplo dos casos da Luiza Sonza, do Dj Ivis e da Karol com K, o aluno argumentou se posicionando de forma positiva a essa ação nos dois últimos casos citados, uma vez que, para ele, essa atitude das pessoas frente às ações da Karol com K fizeram a cantora pedir desculpas, o que em um movimento de sentido possível, poderia parecer uma tentativa de reconhecimento e retratação dos erros cometidos. Quanto a reação à polêmica relacionada à ação do Dj Ivis de agredir a esposa, o discente também apoia, pois, segundo ele, isso possibilitou que a problemática da violência doméstica viesse à tona nas discussões dos meios sociais da atualidade, dando visibilidade, assim, ao drama vivenciado por muitas outras mulheres que vivem no anonimato.

O primeiro caso citado pelo entrevistador, entretanto, a saber, o da Luiza Sonza, é visto de forma negativa pela conclusão de E8, pois, as acusações “dirigidas” ou atribuídas a ela, segundo ele, tratam-se de calúnias, argumento esse que, modo comumente, propicia ao auditório à adesão do pensamento do orador, uma vez que invalida as acusações a ele proferidas.

Outro ponto a ressaltar consiste no fato destacado por E7, em determinado momento do diálogo, de que, após a agressão cometida pelo Dj Ivis ter se tornado pública, o cantor ganhou mais seguidores, ao invés de perder os que já possuía, (como seria o movimento de resposta mais esperado por parte do ouvinte). Assim, ao discutirem sobre essa atitude que vai de encontro ao convencional, E8 pontua que ele mesmo começou também a segui-lo após saber da polêmica familiar em que ele estava envolvido e como uma justificativa para essa ação, afirma que o fez não por compactuar com a conduta do cantor, mas por uma questão de “curiosidade”, uma vez que desejava saber mais sobre o caso e seus desdobramentos, o que

demonstra um interesse e anseio das pessoas pela informação e por isso vão buscá-la. Todavia, considerando a quantidade e a rápida veiculação de notícias falsas disseminadas na mídia – sobretudo nas redes sociais – uma outra problemática se constitui, haja vista que, se as notícias divulgadas não são verdadeiras, não são, de fato, informações, mas sim, são o produto inverso a ela, a saber, a “desinformação”.

Importa ressaltar, ainda, nesse gesto de análise, que assim como já pontuamos, o entrevistado, E8, defende que é contrário ao cancelamento da Luiza Sonza porque há possibilidade de que as acusações que recaíram sobre ela não serem verdadeiras, o que instiga a entrevistadora a provocá-lo ainda mais para que ele expanda sua opinião sobre o que seria elegível ao cancelamento e o que não seria. Desse modo, E7 questiona que, se a suposta traição da cantora estivesse, de fato ocorrido, se ela merecia o cancelamento.

Diante desse questionamento perspicaz, notamos que E8 silencia, o que, por si só, produz sentidos, uma vez que, assim como afirma Orlandi (2007, p. 12), “todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” e pontua ainda que,

Essa dimensão nos leva a apreciar a errância dos sentidos (a sua migração), a vontade do “um” (da unidade, do sentido fixo), o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude (lugar dos muitos sentidos, do fugaz, do não-apreensível), não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo de seu funcionamento. (ORLANDI, 2007, p. 12)

Dessa forma, compreendemos o silêncio do entrevistado como sendo, nas palavras de Orlandi (2007, p. 13),

‘a respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é ‘um’ para o que permite o movimento do sujeito.

Buscando possíveis sentidos propiciados no ato de silenciamento de E8, cabe pontuar que, de acordo com Orlandi (2002, p. 25 *apud* ALVES, 2016, p. 55), há diferentes formas de silêncio e, assim, as distingue:

a) Silêncio fundador, como aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que se subdivide em b1) silêncio constitutivo, como aquele que nos indica que para dizer é preciso não dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras) e b2) silêncio local, que refere

à censura propriamente, como o que é proibido dizer em certa conjuntura.

Desse modo, consideramos concebível inferir que o silêncio do entrevistado encontra correspondência mais provável na conjectura explicada por Orlandi (2002)² como um silêncio local, pois o sujeito não diz o que possivelmente gostaria de dizer, a saber, o apoio ao cancelamento da mulher que trai, por autocensura ao perceber que seu discurso seria passível de julgamento negativo, uma vez que tal discurso encontra respaldo em posicionamentos machistas, em que a mulher que transgride o que a sociedade dita que seja o comportamento adequado, merece uma punição. Ciente disso, o entrevistado prefere não o fazer de modo a preservar a sua face.

4.7 Podcast 4

O último podcast gravado para esta pesquisa, foi o da equipe 4, que era composta somente por meninos, e que não fizeram a gravação na escola, na sala de mídia com os equipamentos da pesquisadora como os demais, pois um dos integrantes que participaria da gravação não pôde comparecer à escola no dia combinado.

A equipe 4, escolheu 3 alunos para discutir a temática e os demais para trabalhar com a edição.

E9: BOM DIA, PESSOa!

E10: Bom dia.

E11: Bom dia!

E9: O que vocês acham dessa cultura do cancelamento nas redes sociais?

E10: Olha... eu acho que a do Dj Ivis foi bem justo o cancelamento...

[

E9: Você acha que no caso dele, de ter agredido a mulher, ter sido filmado por câmeras, é justo ele ser cancelado nas redes sociais?

E10: Óbvio, né, pô? O cara bateu na mulher!

E11: Óbvio! E falando do cancelamento em si que é:: justamente tirar a fama, entre aspas, de uma pessoa, tirar

² Orlandi (2002 *apud* ALVES, 2016).

tudo que a pessoa construiu, EU ACHEI JUSTO porque o cara literalmente né... espancou uma mulher e tudo foi fra:: flagrado... achei justo a punição.

[
E10: É:: não foi uma vez só não, né, mano?

E11: É, não foi uma única vez...

[
E10: Na frente da filha, na frente da empregada...

E11: Eu não achei justo o tempo que ele passou preso, porque com provas e com tudo o que teve, ele passou três meses só cumprindo pena. Eu acho injusto...

E9: TRÊS MESES, PÔ? Eu nem sabia disso!

E11: Em questão da pena dela, eu realmente não concordei com aquele tempo 3 anos, porém ele vai ser prejudicado.

E10: Eu acho que ele não passou três anos, eu acho que ele passou três meses, não sei se:: ele pagou fiança, eu tô olhando aqui, porque não sei se ele cumpriu o:: o tempo.

E11: Mas por mais que né? a JUSTIÇA É MEIO PORca, “pra” assim dizer, ainda assim, o pessoal da internet vai passar a odiá-lo, por mais que dependente do que ele faça agora vai ficar uma mancha na carreira dele que o pessoal com certeza não vai é:: conseguir se esquecer até porque o cara espancou a mulher mais de uma vez e tudo foi flagrado por câmeras, então, eu não acho que ele vai se recuperar... o pessoal, patrocínio, não vão querer mais querer ver ele nem nada...

[
E9: QUANDO ACONTEceu, ele rompeu com a gravadora, com patrocinador, quem havia gravado músicas com ele, não postou as músicas e eu pesquisei aqui e realmente passou 3 meses detido e saiu... foi solto, não sei se ele foi julgado ou se ainda vai ser, MAS JÁ TEM MAIS DE UM ANO, então acho que não vai ser julgado mais não...

E10: É, mano, essa parte aí que o (cita o nome de E11) falou que muita gente não vai esquecer, eu acho que algumas pessoas vão esquecer memo esse assunto e::: mas eu acho que quem apanha nunca esquece...

E9: É, ainda mais da forma de eu foi né...

[
E11: É, eu concordo aí, concordo com a galera aí...

E9: E quanto ao caso da Luiza Sonza? De ser acusada de racismo e ser cancelada também?

E11: BOM, EU NÃO achei que ela merecia ser cancelada... porque tipo qualquer pessoa pode confundir qualquer pessoa, tá ligado? Isso aí os cara tava sem ter o que fazer e cancelaram ela...

E10: É, eu só achei injusto o tempo que durou essa polêmica, QUE EU ACHO QUE FOI DE 2018 A 2020, não tenho certeza, tá ligado?

[

E9: 2018 foi o caso, 2020 a advogada processou ela...

[

E11: Então, eu acho que poderia ter se encerrado mais cedo, com um pedido de desculpa, ter pagado a mulher já que ela tem muito dinheiro e:: não ter crescido tanto...

E10: Eu não estou tão informado sobre essa situação da Luiza Sonza e seu racismo, porém eu estou encontrando informações dizendo que tudo isso é mentira, não sei se questão da situação... é verdade que o pessoal está mentindo sobre essas acusações sobre ela?

E9: EU NÃO SEI PORque a acusação que tem é de uma advogada que tava em um restaurante, ou uma casa de festa, eu acho que era um restaurante, e a Luiza, pede é:: pra ela um copo de água, porque ela não sabia se ela era funcionária, pede pra moça um copo de água e:: a moça sem entender, ela pergunta: "ah, é o que?" e a Luiza Sonza pergunta se ela não trabalhava ali. Depois de 2 anos disso que aconteceu, a advogada que tinha sido ofendida decidiu processar ela por racismo, eu não sei...

[

E11: Ela queria ganhar lbope em cima da Luiza Sonza... se fosse com qualquer outra pessoa, ela não teria feito isso...

[

E10: NÃO, EU NÃO, EU NÃO...eu não atribuiria isso a racismo, mas é um pouco esquisito, vai...

E10: Realmente...

E10: Mas não ao ponto de ser cancelada. Eu não cancelaria ninguém por esse caso. Não sei, se teve mais algum caso, algum... é:: alguma grosseria por parte da Luiza, por mim tudo bem, mas pelo que está nas matérias aqui que eu achei que não tem nada demais...

E11: Se fosse outro famoso que não fosse a Luiza Sonza, será que ela atacaria a pessoa por conta que foi racista e tem que se desculpar, será que ela se posicionaria? Se fosse só uma pessoa rica, tá ligado?

E10: Em questão sobre esse caso da Luiza Sonza, que eu não tô aqui informado, eu acho:: EU ACHO QUE GERALMENTE o cancelamento vem como consequências graves e caso não tenha informações suficientes eu tenho certeza que o pessoal da internet vai entender e apoiá-la... porque sim, ainda vai ter aquele idiota que vai xingar em qualquer publicação ódio gratuito sem precisar de informações direito, mas eu tenho certeza que os fãs de verdade dela e:: que se for mentira vão apoiar ela e caso sejam verdadeiras, eu acho que o cancelamento faz sentido.

E11: Ela devia ter sido muito mais cancelada quando traiu o Whindersson do que agora...

[

E10: Ela não traiu o Whindersson...

E9: Na minha pesquisa, eu achei aqui que ela tá sendo cancelada não pelo o que ela fez, mas sim, por ela ter negado, em 2020, quando ela foi acusada, mas ela escondeu, não compareceu à audiência e:: agora, em 2022, ela assumiu que tinha feito. Esconder o que tinha feito esses 4 anos... ela foi processada pelo que fez e cancelada.

E10: A minha opinião é que:: por mais que ela tenha MENTido sim para o público, eu não se:: isso deveria ser o suficiente para derrubar uma carreira que ela construiu por tantos anos para ter fama e tudo mais... eu não sei se é justo ter isso tudo, mas também, sim, ela merece ter algum tipo de situação para prejudicá-la, pois mentir para o seu público durante 4 anos e depois assumir e uma falta de responsabilidade, né?

[

E11: É, MAis os “político” também faz isso e ninguém cancela ele...

E10: É porque eles não são “figura pública” que trabalha com internet, entendeu “mano”? É:: só tipo:: quem trabalha com internet “mermo” que é cancelado... o “E9” falou aí sobre ser assunto sério pra ser cancelado, mas tem assunto bem nada a ver, aleatório e a pessoa é cancelada, entendeu?

E11: Não, é! Exatamente!

E9: Eu olhei aqui e talvez ela tenha negado a acusação seja “por conta que” foi no momento que ela tinha viralizado, né? “Por conta” do término dela com Whindersson, então, talvez por um momento de instabilidade ela não quis assumir e depois voltou atrás em um momento melhor... Pode ser que seja por isso, ou

ela só tentou negligenciar um ato dela mesma. Se foi pela instabilidade, eu ainda tô mais apoiado a ela do que se não fosse.

E11: Problema é uma instabilidade dessa durar 4 anos é meio...

E9: É:: demorou muito para ela...

E11: Esquisito...

[

E9: Quatro não, né? A acusação foi em 2020. 2018 aconteceu, 2020 ela foi acusada.

E11: É:: mas, mais de um ano “pra” poder se redimir é meio... que correr atrás do que já aconteceu e já... tá ligado?

[

E9: A ACUSAÇÃO foi de RACISMO ESTRUTURAL. Não foi de racismo de xingar diretamente, denegrir diretamente com palavras outra pessoa. É só:: pela atitude... ela foi processada, atitude de confundir a mulher advogada com uma garçonete. Nesse caso, nesse ponto de vista, nesse momento, eu não concordo com a acusação, por mais que seja um pouco estranho eu acho que não deveria ser levado para esse lado. Mas se aconteceu, se teve algo mais impactante, alguma ofensa, algo mais... se foi prejudicial à imagem da advogada ou de pessoas negras, por mim, ok a acusação, mas se não foi nada demais, se ela só pediu a água e perguntou se ela trabalhava no estabelecimento... eu não vejo problema.

E10: É, todo mundo se engana, né?

[

E9: Como eu não sei eu vou ficar um pouco em cima do muro...

E11: É, eu também...

E10: O que eu acho, é:: o que ouvi o pessoal falar sobre o esse negócio dela ficar dois anos né:: “pra”... “pra” resolver o caso, falar que era mentira, que não fez isso e:: depois pedir desculpa, eu acho isso uma falta de caráter dela e que é:: que se fosse outra pessoa...

[

E11: MAS ELA É SEM CARÁTER!

[

E9: Eu acho que o caso dela é muito mais complicado de avaliar do que o caso do Dj Ivis, porque é obvio o que ele fez, deveria ter sido punido... não só com o cancelamento, mas também de forma judicial que não

foi... 3 meses de pena para quem agrediu a mulher, daquela forma e filmado daquele jeito pra mim não vale...

E10: Se fosse qualquer um de nós, seria preso, espancado...

E9: O cancelamento, em alguns casos, o cancelado some, como é o caso do Monark que foi cancelado por um posicionamento, eu não sei o que acontece com Monark, porque o cancelamento dele foi muito forte e eu não sei mais para onde ele foi. Já o da Luiza, uma música bem feita que ela faça, o povo já esquece... não vai fazer muita diferença... VOU LER A ÚLTIMA parte do texto que ela postou: “Estou lidando com essa situação, como uma oportunidade para tentar ser melhor, como todas as vezes que alguma coisa aconteceu comigo publicamente ou não. Por isso, minha decisão é solicitar uma audiência especial para resolver amigavelmente o processo, acatando o valor pedido pela autora”, então ela vai pagar a indenização e:: PRONTO, fingir que nada aconteceu.

E11: Ninguém lembra disso que ela foi cancelada por racismo. Há duas semanas atrás eu não sabia disso aí...

E10: É por causa da desinformação e qualquer erro também junto da Luiza que o pessoal vai principalmente tacar ódio gratuito na pessoa até ameaça de morte.

E9: BOM, ENTÃO É ISSO, esse é o nosso posicionamento, nada mais a acrescentar.

Assim como no podcast 3, o **podcast 4** também começa com uma saudação, o que promove de imediato uma interação entre todos os participantes da equipe, em seguida, E9 já pergunta diretamente acerca do posicionamento dos colegas diante da cultura do cancelamento e de imediato, E10 já traz para discussão o cancelamento do artista Dj Ivis, que agrediu a sua companheira, pois as cenas da agressão foram amplamente divulgadas nas redes sociais.

Ao ser questionado se concordavam com o cancelamento da personalidade em questão, E10 e E11 respondem com: “Claro, pô!”, “óbvio” e “achei justa a punição” e justificam que o motivo de ser a favor é justamente pelo fato de o artista ter agredido uma mulher, o que fica evidenciado que, para esses estudantes é uma atitude que deve ser punida e que a cultura do cancelamento pode proporcionar essa punição, sobre a qual já tecemos considerações no podcast 1, visto que, de acordo com E11 a “justiça é meio porca”, ficando subentendido, que, na interpretação do estudante, a justiça nem sempre age de modo adequado com

aqueles que ferem as leis. Os estudantes continuaram a discutir o episódio e consideraram sem hesitar, que o cancelamento do artista foi justo. Tal posicionamento, evidencia que apesar de ainda vivermos, como já dito anteriormente, em uma sociedade machista, os sujeitos estão de algum modo, repensando e reconstruindo o modo como veem a mulher e as atitudes machistas em relação ao tratamento para com as mulheres.

Ao citarem a cantora Luiza Sonza (caso de racismo), os/as estudantes trouxeram para discussão, um cancelamento que ainda não havia sido exposto pelos demais grupos e o posicionamento deles é bastante interessante pois que demonstra dois aspectos importantes: 1) Eles conseguem separar o sujeito e a ação. Então, diferentes ações são julgadas como merecedoras ou não do cancelamento; e, 2). A relevância que o assunto tem ideologicamente para eles, refletem nessa medida, do que é julgável ou compreensível.

Observamos que ao discutirem sobre o cancelamento da cantora após um episódio em que é acusada de racismo, os/as estudantes oscilam sem saber se concordam ou não com o cancelamento e afirmam não ter informações confiáveis em que possam se apoiar. É importante perceber o quanto, mais uma vez, o fenômeno da informação, desinformação e *Fake News*, influencia na construção do posicionamento dos sujeitos e contribuem para a manutenção ou desconstrução de ideologias sexistas, machistas e/ou racistas, pois como não havia informações suficientes acerca do ocorrido, apenas o efeito rumor sobre o ocorrido, presente no Discurso de Escritorialidade que circulou nas redes, e considerando que falar sobre racismo no Brasil ainda é uma temática muito complexa, os/as estudantes tiveram dificuldade em se posicionar e acreditar na versão apresentada pela vítima, questionando inclusive, a intenção dela ao denunciar o caso à polícia, com dizeres como o de E11 que discorre: “ela queria ganhar ibope em cima da Luiza Sonza”.

Considerando errado apenas o tempo que a cantora demorou para falar no assunto, mas amenizam o “erro”, apontando um possível momento de fragilidade emocional em que se encontrava no momento em que foi acusada, os/as estudantes optam então por uma posição “neutra” perante o cancelamento em discussão com dizeres como “vou ficar em cima do muro” e “eu também”.

Sabemos que tomar posição perante um conflito social não é tão fácil, ainda mais em se tratando de uma temática como o racismo que é um problema que está

na raiz da formação social brasileira e que muitas vezes é minimizado ou até ignorado por aqueles que não são vítimas das atitudes e dizeres preconceituosos.

A mesma dificuldade em se posicionar, não é observada quando o cancelamento da mesma artista é motivado por causa da separação matrimonial do humorista Whindersson Nunes, os/as estudantes consideram válido o cancelamento, evidenciado na fala de E11: “ela devia ter sido muito mais cancelada quando traiu o Whindersson do que agora”. Nesses dizeres, é possível notar que mais uma vez o Discurso de Escritorialidade é retomado e, mesmo sem a comprovação, o efeito rumor foi legitimado e o enunciado como é tratado como uma afirmação e, essa sim, seria merecedora de punição. O que nos leva a refletir sobre a importância dessas problemáticas na visão dos/as jovens.

É importante salientar que o fenômeno do Efeito rumor esteve presente na fala dos/as estudantes tanto do podcast 3 como no 4, e refletiu diretamente no posicionamento dos/as estudantes diante das temáticas discutidas, pois, em alguns casos, o rumor foi a única fonte de informação que os/as estudantes tiveram acesso, isso fica evidenciado na fala de E10 ao considerar que a pouca informação ou até a falta dela, é prejudicial, pois pode resultar na propagação de discursos de ódio ou até mesmo ameaças de morte.

Consideramos este um fator preocupante no que se refere aos textos que circulam pela internet e que nem sempre são verídicos, mas como adquirem um grande número de curtidas e compartilhamentos, acabam por tornarem-se “legítimos”, mesmo que não sejam verdadeiros.

Ao encaminhar para o encerramento do podcast, podemos notar que E9 utiliza um texto da própria cantora, Luiza Sonza, ao pronunciar-se acerca das acusações para sustentar os argumentos de que a cantora não cometeu racismo e de que deseja resolver a situação amigavelmente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras realizadas para a construção da pesquisa e do *corpus* produzido pelos/as estudantes é importante destacar a relação que se estabelece entre discurso, a ideologia e memória discursiva, significando e ressignificando dizeres que circulam, especialmente nas mídias digitais, e que são legitimados pela adesão popular. A cultura do cancelamento está inserida em um contexto social amplo, permeado por ideologias e valores específicos de nossa conjuntura histórica. Aqueles que apoiam o cancelamento podem ter uma visão mais punitiva e moralizante, enquanto os que são contrários podem inspirar princípios como a liberdade de expressão e a empatia, ao considerar as consequências que esse movimento pode exercer na vida do “cancelado”, mas mesmo aqueles que se dizem a favor do cancelamento, em algum momento, reconhecem os prejuízos advindos desta prática.

A materialidade discursiva analisada neste trabalho, ao ser obtida por meio do desenvolvimento e aplicação de uma sequência didática pensada de forma específica para a realização dessa investigação, possibilitou observarmos alguns resultados importantes, os quais cabe, brevemente, explicitarmos.

O primeiro desses movimentos propicia notarmos que a proposta de um estudo planejado e sistemático de um gênero textual, sobretudo um multimodal, que faz parte de um repertório que transcende às paredes da escola e está inserido em nas práticas sociais cotidianas dos/as discentes, qual seja, o podcast, possibilitou um interesse e engajamento da maioria deles/as, com os/as quais foi possível produzir uma materialidade que atente à estrutura, temática e propósito comunicativo inerentes ao gênero discursivo escolhido e, para além disso, pudemos chegar a movimentos de respostas possíveis às questões que instigaram e nortearam a realização dessa pesquisa-ação.

Entendemos que os sujeitos participantes estão inseridos de modo significativo em um movimento de sentidos que repercute de forma maciça sobre personalidades que, por serem famosas e, assim, estarem em evidência na mídia, têm, muitas vezes, suas vidas, ações e concepções expostas e passivas de “julgamento” pelas outras pessoas que, em geral, só têm acesso a elas por meio de uma tela ou de discursos que já são advindos de outras personalidades ou veículos de notícias e não delas mesmas.

Isso se mostrou bastante presente, como podemos observar, no gesto de análise 1, em que os/as próprios/as alunos/as, ao utilizarem argumentos que estavam pautados sobretudo no uso da razão e da lógica como estratégias de convencimento e persuasão, chegaram à conclusão de que o “motivo” que havia levado ao cancelamento da cantora Luiza Sonza não encontrava fundamentos, uma vez que a propagação desse discurso trazia dizeres outros que não estavam na fala da possível “vítima” das atitudes da artista, mas sim, tratava-se de um discurso de acusação que estava sendo reproduzido/replicado/compartilhado por pessoas que nem se quer conheciam os dizeres oficiais das celebridades envolvidas.

Assim, esse e os demais casos observados, permitiu pontuarmos que, propondo uma resposta possível a questões de pesquisa, a cultura do cancelamento produziu diversos sentidos que circularam – e circulam - em nossa sociedade à medida que esse discurso era propagado e repetido incontáveis vezes por sujeitos que têm como condições de produção o acesso ao tecnológico e ao digital e, nessas circunstâncias, encontraram na facilidade de um clique a possibilidade de circular/replicar opiniões e dizeres de forma muito mais rápida e “protegida”, uma vez que muitos têm a ideia de que a “internet é uma terra sem lei” – discurso este reproduzido por dois grupos de estudantes – do que se fossem fazer uma acusação que colocasse a sua “face” – o *ethos*, como denomina a teoria da argumentação – à mostra, como ocorreria em um discurso de escrita, que tem, de acordo com Gallo (2015) sua legitimidade conferida pelo efeito-autor, enquanto que nos discursos que analisamos, de escritorialidade, esse processo ocorre pelo “efeito-rumor”, que ganha legitimidade ao passo que é propagado na rede.

Considerando as respostas dos/as discentes ao último questionário aplicado, pode-se perceber que trabalhar com o gênero podcast e a metodologia de tirá-los/as da tríade quadro, caderno e caneta, engajou a participação da turma e propiciou que os/as estudantes tivessem a oportunidade de observar o que era estudado na teoria, como as estratégias argumentativas, o funcionamento da ideologia, a adesão dos argumentos, na prática, o que de acordo com as respostas ao questionário, tornou o assunto “mais claro” e interessante.

Para além desses resultados e observações, problematizar e discutir essas questões tão presentes no dia a dia dos sujeitos com os quais mediamos o processo desafiador e salutar de partilha de conhecimentos é, sem dúvida, para nós, um possível “pequeno-grande feito” desse trabalho, haja vista que um gesto que

instigue-os a buscar e refletir sobre movimentos de sentidos outros e não apenas aqueles que estão na superficialidade de um discurso é, talvez, um dos maiores pilares a ser sempre priorizado no chão da escola.

REFERÊNCIAS

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. 600 p. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 04 jan. 2021

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 14. ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021.

ALVES, Mariana Garcia de Castro. Deep Web: discursividade do e-beco? In: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (Orgs). *Análise do Discurso em Rede: cultura e mídia*. v. 2. Campinas – SP: Pontes Editores, 2016.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Práticas pedagógicas e ensino de argumentação em aulas de Língua Portuguesa. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo; PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). **Estudos da Linguagem, Argumentação e Discurso**. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2021

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998. 106 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020

CARDOSO, G. P. **O podcast nas aulas de Língua Portuguesa: práticas de multiletramento na escola**. 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras – linguagens e letramentos) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021.

CARVALHO; Robson; FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018

COSTA, Giselda. Podcast: um gênero ou um suporte? Emergente ou híbrido? Oral ou escrito?. In.: **III Encontro Nacional sobre Hipertexto**, 2009, Belo Horizonte. Anais do evento, 2009, p. 1-9.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. **Português: conexão e uso, 9º ano: ensino fundamental, anos finais**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. **Português: conexão e uso, 6º ano: ensino fundamental, anos finais**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos*

na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2004.

DUARTE, Vitor. Argumentação e retórica como ferramentas intelectuais e seu lugar no ensino. In.: **Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso**, 2010, Porto Alegre. Anais do evento. 2010, p. 403-409

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: uma guia para iniciantes. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013

FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Trad. Sandra Netz. – 2. ed. _ Porto Alegre: Bookman, 2004

GALLO, Solange Leda. Processo de legitimação no discurso de escritorialidade. **VII SEAD**. A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas, Recife. Anais eletrônicos. Recife: SEAD, 2015, p. 1-8

GALLO, Solange Leda. Processo de legitimação no discurso de escritorialidade. In: GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans de. (orgs.). **A Análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

GALLO, Solange Maria Leda; SILVEIRA, Juliana da. Forma-discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Claudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mônica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. v. 3. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

GALLO, Solange. Discurso de Escrita e Efeito Autor. YouTube, 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YGBEuvBmdPc>>. Acesso em: 17 dez. 2022. Horizonte, v. 1, p. 25-38, jan.- jun., 1999

KOCH, Ingedore ; ELIAS, Vanda Maria. – 1 ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.

KOCH, Ingedore. **Argumentação e linguagem**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011. LEITÃO, Selma. O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. In: LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria Cristina (Orgs.). **Argumentação na Escola**: o conhecimento em construção. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 13-46

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola, 2008

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MARTINS, I; OGBORN, J.; KRESS, G. Explicando a explicação. **Rev. Ensaio**, Belo MASSMANN, Débora. **Retórica e argumentação**: percursos de sentidos na biculturalidade. Pontes, 2017

MEDEIROS, Macello Santos de. Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: . Acesso em: 07 de jul. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 3ª ed. Campinas, SP Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13ª ed. Campinas, SP Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. Discurso e argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**, Fpolis, n.1 (73-81), jul.- dez , 1998

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; revisão da tradução de Eduardo Brandão – 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). **Estudos de linguagem, argumentação e discurso**. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PIRIS, Eduardo Lopes. **O ensino de argumentação como prática social de linguagem**. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). **Estudos de linguagem, argumentação e discurso**. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p. 135-153

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais: leitura e produção**. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, Roxane. Apresentação. In: TRANZI NETO, Adolfo et. Al. ROJO, Roxane (org.). – 1 ed. – São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

TRINDADE, Luiz Valério. Discurso de ódio nas redes sociais. – São Paulo: Jandaíra, 2022

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; FERREIRA, Helena Maria. O podcast como gênero discursivo: oralidade e multissemiótica aquém e além da sala de aula. **Letras**; Santa Maria, n. 1, p. 35-55, Especial 2020.

WESTON, Anthony. **A construção do argumento**. Tradução: Alexandre Feitosa Rosas; revisão da tradução Silvana Vieira. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009

Anexos

Formulário 1: Questionário de sondagem

1. Com qual frequência você acessa as redes sociais?
2. O que você procura quando acessa as redes sociais?
3. Você costuma comentar expondo a sua opinião na postagem de outras pessoas? Se sim, com qual finalidade realiza essa ação?
4. Você já ouviu falar em Cultura do cancelamento? sabe como ela acontece?
5. Relembre e narre alguma situação em que uma figura pública foi cancelada.
6. Você concorda com esse tipo de prática?
7. No seu ponto de vista, cancelar as pessoas, gera mais benefícios ou malefícios para o convívio social?
8. Você costuma ouvir podcasts? Se sim, cite o nome dos seus preferidos.

Formulário 2: Os textos que circulam na internet

1. Ao acessar a internet, quais são os gêneros textuais que podemos encontrar?
2. Qual é a finalidade desses gêneros?
3. Pesquise um exemplo de cada um dos gêneros que você citou na questão 1 e anexe na atividade.

Formulário 3: Hora de avaliar

1. Escreva o que você consegue entender sobre a Cultura do cancelamento.
2. A sua opinião mudou depois da realização da atividade ou continua a mesma? Justifique.
3. Quais foram as estratégias argumentativas que o seu grupo usou com maior frequência e qual houve maior dificuldade em utilizar? Explique.
4. Sobre o trabalho com o gênero podcast, o que você considera que foi mais interessante?
5. Em linhas gerais, escreva como foi participar dessa atividade.